



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS/PORTUGUÊS

LUKAS NASCIMENTO SANTANA

**ADAPTAÇÃO EM QUADRINHOS DA OBRA DOM CASMURRO COMO
PROPOSTA DE INCENTIVO À LEITURA DE MACHADO DE ASSIS**

Araguaína / TO

2022

LUKAS NASCIMENTO SANTANA

**ADAPTAÇÃO EM QUADRINHOS DA OBRA DOM CASMURRO COMO
PROPOSTA DE INCENTIVO À LEITURA DE MACHADO DE ASSIS**

Monografia apresentada à UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína, curso de Letras, para obtenção do título de licenciado em Letras/Português e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Dr^a. Andrea Martins Lameirão Mateus.

Araguaína / TO

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- S232a Santana, Lukas Nascimento.
ADAPTAÇÃO EM QUADRINHOS DA OBRA DOM CASMURRO
COMO PROPOSTA DE INCENTIVO À LEITURA DE MACHADO DE ASSIS.
/ Lukas Nascimento Santana. – Araguaína, TO, 2022.
94 f.
- Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português, 2022.
Orientadora : Andrea Martins Lameirão Mateus
1. Adaptação. 2. Histórias em quadrinhos. 3. Machado de Assis. 4. Dom
Casmurro. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

LUKAS NASCIMENTO SANTANA

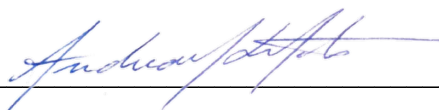
**ADAPTAÇÃO EM QUADRINHOS DA OBRA DOM CASMURRO COMO
PROPOSTA DE INCENTIVO À LEITURA DE MACHADO DE ASSIS**

Monografia apresentada à UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína, curso de Letras, para obtenção do título de licenciado em Letras/Português e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

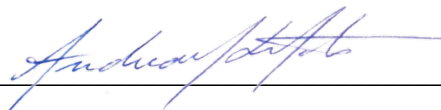
Orientadora: Dr.^a Andrea Martins Lameirão Mateus.

Data da Aprovação: 02 / 12 / 2022

Banca Examinadora



Prof. Dra. Andrea Martins Lameirão Mateus, UFNT
Orientadora



Prof. Dr. Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira, UFNT
Examinador

Prof. Dra. Isaquia dos Santos Barros Franco, IFPA/Conceição do Araguaia
Examinadora

Araguaína / 2022

Dedico este trabalho a:

*Joicy e Altamiran, meus pais;
Iraides (a vovó), Ednor, Dione,
Edite e Pedro (in memoriam), meus avós;
Isaquia, minha - para sempre - professora;
Pedro Filho (in memoriam), meu saudoso tio.*

*Grande coisa é haver recebido do céu
Uma partícula da sabedoria, o dom de
Achar as relações das coisas, a faculdade
De as comparar e o talento de concluir!
(MACHADO DE ASSIS)*

AGRADECIMENTOS

Era uma manhã ensolarada de quinta-feira, do dia 07 de março de 2019, chegava à ainda UFT, na sua camisa machadiana, um jovem que havia saído do Maranhão em busca de um sonho: o de se tornar professor de Língua Portuguesa. Conhecia quase ninguém na cidade, em casa de parentes, distantes 8 km da faculdade, começou a trajetória em busca da concretização daquilo que havia almejado. “Está tão distante”, pensou. “Será que vou conseguir?”. Era provocações que, constantemente, ele fazia a si mesmo. Cansaço, fim de semestre, distância da família, noites não dormidas, prazos a cumprir, mudanças de endereço... bem-vindo à vida acadêmica!

Veio uma pandemia... E agora? Um retorno a sua casa de um feriado que durou 2 anos. O distanciamento social provocou a (re)aproximação daqueles que outrora sentia falta. Ensino remoto, novos aprendizados, novas experiências, novas amizades... um novo de uma vida que precisou se readaptar. Passados os dois semestres presenciais de 2019 mais quatro online, entre mortos e feridos, chegamos ao fim de 2021. E já estava previsto o retorno híbrido. Era preciso retornar àquela rotina de antes com outras perspectivas.

Início de 2022. O ano que se tornaria o mais decisivo, até então, na vida desse jovem... Agora, leitor, está na hora desse jovem deixar de ter um narrador-observador e se tornar o narrador da sua própria história.

Iniciando o sétimo período do curso, eu tinha em mente que precisava escolher tema de tcc, orientador e uma série de outras questões a serem pontuadas. Talvez decisões nunca antes tomadas. Mas com a certeza de que iria dar certo. Experiências do estágio, relatórios, um filho chamado tcc para “dar à luz”, outras disciplinas para cursar, questões familiares, particulares, ansiedade, estresse, dúvidas etc.

Cheguei ao fim de uma jornada. Uma breve sinopse desse romance intitulado *Memórias de uma Vida Acadêmica*. Realizado por ver o meu sonho tão diante de mim, tornando-se real. Foram muitas lutas, quedas, lágrimas... mas eu preciso concordar com o Machado, pois “a vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal”. Se queremos algo, precisamos persistir, insistir e nunca desistir.

Gratidão. Essa é a palavra que resume a minha jornada acadêmica, porque sozinho eu não conseguiria chegar aonde cheguei. Por isso eu só tenho a agradecer...

A Deus, por tanto Amor, cuidado, misericórdia, graças, bênçãos. A cada dia, segurando-me para que eu pudesse continuar caminhando, apesar de as minhas forças estarem quase cessando; por me conceder sabedoria, discernimento e determinação. À Virgem Maria,

por seus cuidados de Mãe, por nas noites escuras, colocar-me em seu colo de Amor e me fazer entender que ficaria tudo bem; por Ela ser minha guia, protetora e me livrar de tantos perigos que encontrei nesta jornada. Se estou aqui, é por graça e intercessão do Céu.

Gratidão aos meus pais, Joicy e Altamiran... (um mix de emoções passa à mente), por eles serem exatamente como são; por vocês serem meus maiores incentivadores, por acreditarem nas minhas loucuras e, comigo, embarcarem nelas; por nunca me deixarem faltar nada; por, embora distantes, dedicarem-se tanto a mim; por sonharem esse sonho comigo. Mãe, obrigado por me ouvir, por ser minha amiga e todo santo dia me mandar um “bom dia, meu filho, como está?”. Pai, obrigado pelas palavras de motivação “Deus só dá o lençol do tamanho do frio”, por ser o cara que tem orgulho de dizer “meu filho estuda numa federal”. Obrigado por vocês, aí na roça, batalharem de sol a sol, a fim de me darem uma estabilidade em Araguaína... E só para lembrar, prepara o churrasco que a festa vai acontecer! se dá

Aos meus avós, Dione e Ednor; Edite e Pedro (*in memoriam*), que nunca me deixaram desamparar, sempre com palavras de incentivo a me consolar... E, claro, não poderia de agradecer àquela que é sinônimo de Lukas, a vovó (Iraides). Ah, vovó, quantas vezes eu lhe deixei na porta de casa, chorando, me vendo partir! Quantas vezes eu não quis voltar a Araguaína, para não lhe ver chorando! Eu só queria ter ficado, para ouvir as suas muitas histórias de vida, de garra e, juntos, rirmos das suas piadas. Obrigado pela sabedoria singular! A senhora é meu exemplo de perseverança.

Aos meus irmãos, Mateus e Maria Eduarda, sobretudo ele, que está sempre ao lado dos nossos pais, trabalhando, ajudando na lida diária, enquanto estou distante. Obrigado, Bel! Aos meus tios e primos, que sempre me ajudaram conforme suas limitações. Gostaria de citar, particularmente, meu tio Pedro Terranorte (*in memoriam*), que, antes da sua trágica partida, em uma de nossas últimas conversas, me disse “meu filho, eu vou te ajudar a se formar”. Meu tio, estou me formando, e essa conquista vai para você. Saliento um agradecimento especial à minha prima, Laila, que não mediu esforços em viajar para assistir à defesa deste trabalho; ela que não quis seguir carreira acadêmica, por enquanto, mas sempre esteve junto a mim, orgulhando-se das minhas conquistas. Apesar dos estresses, eu a amo sem reservas.

Muitas pessoas que me conhecem sabem que minha fé é o que me sustenta. Eu não poderia deixar de agradecer às minhas irmãs e companheiras de oração. Elas que sempre intercedem por mim. São muitas, porém não poderia deixar de citar a Lurdinha, a Ana Carolina, a Zelma, a Dilda, a Felicidade e a Rosana. Vocês foram fundamentais à minha espiritualidade nesses quatro anos. Obrigado por me ouvirem desabafar; por rezarem por mim. Rosaninha, prepara o macarrão que estou voltando.

Dizem que toda história tem um começo. Deveras. E eu não poderia deixar de contar o que me fez chegar ao curso de Letras. Tudo começou com uma aula de Língua Portuguesa, no 1º ano do Ensino Médio, em 2015, analisando a crônica “Os namorados da filha”, de Moacyr Scliar. A forma como aquela professora me apresentou ao mundo encantador da Literatura, fazia das nossas aulas as melhores. No 2º ano, realizou o encontro de milhões entre mim e Machado de Assis; e, no 3º, com Clarice, Cecília, Guimarães e muitos outros escritores e obras. Professora Isaquia, obrigado por ser a minha – para sempre – professora. Obrigado por acreditar em mim, no meu potencial, quando eu não acreditava; por me apoiar e me aconselhar na vida acadêmica; por ser a minha mãe literária. A senhora é aquela pessoa que deveria ser multiplicada para que o mundo todo conhecesse. Eu sou muito feliz por ter sido agraciado com as melhores aulas de Português da minha vida. Minha formação tem muito da senhora; a semente germinou e está dando frutos. Você, a Thayza e a Sara são a parte poética da minha vida.

O poeta Mário Quintana diz que “a amizade é um amor que nunca morre”. Eu agradeço imensamente a Deus pelos amigos que tenho, de modo particular aos meus queridos companheiros Karla Sofia, Alice, David Klinsman e Janara. Vocês fazem parte desta conquista, porque lá em 2018, no curso Seja+, em Imperatriz, sonharam comigo, incentivaram-me, acreditaram em um potencial que eu não imaginava ter. E faço uma ressalva à importância que Karla Sofia teve não só nos meus estudos, mas também na vida pessoal. Ah, Sofiazinha, quantas vezes dividimos o mesmo copo de café! As nossas andanças à Uemasul para estudar na biblioteca; os meteoros tentando nos derrubar. Rsrtrs. Tu és a irmã que ganhei por meio de outra mãe.

E aos amigos que ganhei na faculdade, gratidão por todo amor, cuidado. São tantos, mas eu não poderia deixar de especificar alguns. Gratidão à Elismere, alma bondosa e amável. Quem a tem como amiga tem um presente divino. Obrigado por ser tão cuidadosa comigo, pelas sábias e puras palavras; e por me acolher em sua casa, quando precisei de abrigo. Das chaves do Céu, uma cópia já é sua. À Ana Karoline, tão solícita e companheira; obrigado pelas tantas caronas nos tempos de Vila Azul; por sempre lembrar de mim em sua vida.

À minha alma gêmea, Leticia Leal. Quantas lágrimas trocadas juntos! Obrigado, meu bem, por me deixar fazer parte e compartilhar sua caminhada acadêmica. Nós conseguimos! À Rebeca, minha monitora e salvação na Língua Inglesa. Não sei o que seria de mim sem tuas monitorias. Obrigado por nos oportunizar muitas gargalhadas... Por mais Calcinha Preta para dançarmos juntos!

Eu as deixei por último, porque estava buscando no mais fundo da alma palavras para agradecer a Iandra e a Maria da Conceição. Ah, Máquinas, quantas laqueras passamos nesses quatro anos! Obrigado por terem segurado a minha mão, por enxugarem as minhas lágrimas, por se tornarem a minha família em Araguaína. É muita coragem, porque noção... (rsrs). Sem vocês, meu mundo não teria o mesmo significado nesta cidade. Gratidão por me acolherem e cuidarem de mim; as melhores companheiras da minha vida acadêmica. Eu as amo sem medidas. E gratidão, Bruno, Danielle, Suzana, Victor, Bia, Sarah Akemi e a todos os colegas de turma da 2019.1.

Seguindo para o fim desta parte da monografia, que terminou de secar as minhas lágrimas. Eu quero agradecer imensamente aos professores do curso de Letras, da UFNT, pelo conhecimento, pela amizade e por me incentivarem tanto nesta caminhada, de modo particular, os professores João de Deus, Cristiane, Luiza, Elisa, Peel, Elizabete, Stefania, José Manoel e a doce e maravilhosa Ana Claudia.

Meus mais sinceros agradecimentos a bondosa e paciente professora Andrea. Deus sabe o que faz e Ele me privilegiou quando quis que a senhora fosse minha orientadora nesta jornada. Obrigado por sempre me dizer “calma, Lukas, isso acontece”, quando o mundo estava despencando nas minhas pernas. Não tenho palavras para expressar a minha gratidão à senhora.

À minha genial e feliz banca examinadora, professores Peel e Isaquia. Tenho certeza que fizemos a melhor escolha quanto aos avaliadores deste trabalho. Se eu os quis como banca, é porque têm muita importância na concretização desse sonho.

Sem mais... Eu convido Fernando Pessoa para encerrar meus agradecimentos. “Não sou nada. Nunca serei nada. Não posso querer ser nada. À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.”

Com amor e gratidão,

Lukas com K.

02 de dezembro de 2022

RESUMO

As adaptações em quadrinhos dos clássicos têm se constituído um meio de jovens terem acesso ao cânone literário. Nesse sentido, objetiva-se neste trabalho propor a adaptação em quadrinhos da obra **Dom Casmurro** como forma de incentivo à leitura de Machado de Assis. Tomando como arcabouço teórico Hutcheon (2011), Barbosa *et al* (2022), Becker (2008) Guimarães *et al* (2012), entre outros, que possibilitaram um entendimento acerca da teoria da adaptação, do uso dos quadrinhos na sala de aula e das peculiaridades machadianas, respectivamente, será possível: (i) compreender as críticas relacionadas às adaptações dos clássicos em quadrinhos; (ii) discutir o trabalho com as HQs na sala de aula do Ensino Médio; (iii) apresentar o gênero história em quadrinhos como mediador da leitura entre o aluno e a versão original da obra de Machado de Assis. Como objeto de análise, delimitou-se um volume na íntegra e três versões em quadrinhos de **Dom Casmurro**, em análise comparativa. Assim sendo, a partir das discussões, visou-se como resultados promover o estreitamento entre os estudantes e o escritor realista, por meio da adaptação em quadrinhos.

Palavras-chave: Adaptações; Histórias em quadrinhos; Leitura; Machado de Assis; Dom Casmurro.

ABSTRACT

Classic novels adaptations as graphic novels or comics have become a means for children and teenagers to access the literary canon. In that sense, this work considers the use of adaptations of the novel **Dom Casmurro** as comics to motivate students to read the work of Machado de Assis. This work is based on theories by Hutcheon (2011), Barbosa *et al* (2022), Becker (2008) Guimarães *et al* (2012), among others, that bring us a better understanding of adaptation theory, uses of comics in the classroom, and peculiarities of Machado's style. Our main objectives are (i) understand the criticism related to adaptation of classics into comics; (ii) debate the use of comics in the High School classroom; (iii) present comics as a genre that can mediate the reading experience of Machado de Assis's literary original. Three versions of **Dom Casmurro** as graphic novels were chosen as our object of analysis. The analysis aimed at comparing versions, debating their quality and capacity of promoting the proximity between students and the oeuvre of Machado de Assis.

Keywords: Adaptions; Comics; Graphic Novels, Reading; Machado de Assis; Dom Casmurro.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Recorte do capítulo I da primeira história em quadrinhos: As Aventuras de “Nhô-Quim”, ou impressões de uma viagem à corte.....	21
Figura 2 – Recorte 1 da versão “Prima Justina”.....	39
Figura 3 – Recorte 2 da versão “Prima Justina”.....	42
Figura 4 – Recorte 3 da versão “Prima Justina”.....	44
Figura 5 – Recorte 4 da versão “Prima Justina”.....	46
Figura 6 – Recorte 5 da versão “Prima Justina”.....	48
Figura 7 – Recorte 1 da versão “Dona Glória”.....	50
Figura 8 – Recorte 2 da versão “Dona Glória”.....	51
Figura 9 – Recorte 3 da versão “Dona Glória”.....	53
Figura 10 – Recorte 4 da versão “Dona Glória”.....	55
Figura 11 – Recorte 5 da versão “Dona Glória”.....	58
Figura 12 – Recorte 6 da versão “Dona Glória”.....	60
Figura 13 – Recorte 7 da versão “Dona Glória”.....	62
Figura 14 – Recorte 8 da versão “Dona Glória”.....	63
Figura 15 – Recorte 9 da versão “Dona Glória”.....	64
Figura 16 – Recorte 1 da versão “Sancha”.....	67
Figura 17 – Recorte 2 da versão “Sancha”.....	69
Figura 18 – Recorte 3 da versão “Sancha”.....	70
Figura 19 – Representação de “Tempo” e “Timing” nos quadrinhos.....	71
Figura 20 – Recorte 4 da versão “Sancha”.....	73
Figura 21 – Recorte 5 da versão “Sancha”.....	75
Figura 22 – Recorte 6 da versão “Sancha”.....	76
Figura 23 – Recorte 7 da versão “Sancha”.....	77
Figura 24 – Recorte 8 da versão “Sancha”.....	79
Figura 25 – Recorte 9 da versão “Sancha”.....	80
Figura 26 – Recorte 10 da versão “Sancha”.....	82
Figura 27 – Recorte 11 da versão “Sancha”.....	84
Figura 28 – Recorte 12 da versão “Sancha”.....	86

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	14
2	ADAPTAÇÕES DOS CLÁSSICOS: UMA QUESTÃO A SE REFLETIR	18
3	NASCE UMA HISTÓRIA... A HISTÓRIA EM QUADRINHOS	20
3.1	Do anonimato à fama: o percurso das histórias em quadrinhos	20
3.2	E, na sala de aula, elas ganharam espaço	24
3.3	Entre o processo e o produto, há a qualidade no meio do caminho	26
3.4	Quadrinhos e Literatura: um encontro de adaptações	29
4	UM PASSEIO POR MACHADO DE ASSIS: LER PARA CONHECER	32
5	LER MACHADO DE ASSIS POR OUTROS CAMINHOS	35
5.1	Era uma vez...na Rua de Matacavalos	35
5.2	Machado de Assis e HQs: problema e/ou solução?	36
5.2.1	Aspectos estético-estruturais de “Prima Justina”	36
5.2.2	Refletindo o uso de “Prima Justina” na sala de aula	37
5.2.3	Aspectos estético-estruturais de “Dona Glória”	49
5.2.4	Refletindo o uso de “Dona Glória” na sala de aula	54
5.2.5	Aspectos estético-estruturais de “Sancha”	65
5.2.6	Refletindo o uso de “Sancha” na sala de aula	72
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
	REFERÊNCIAS	93

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As adaptações são textos resultantes de uma leitura prévia que o seu autor fez de um primeiro escrito: o texto fonte. Ora, na linha de pensamento de Hutcheon (2011), por mais que tenham suas raízes em um outro escrito, as adaptações não são cópias do “original”, porque há autonomia nelas, começando pelo autor, o qual não é o mesmo da obra na primeira versão. Nesse sentido, é possível atestar que elas têm ganhado espaço no meio educacional, tornando-se acessíveis ao público leitor. No entanto, se por um lado elas podem ser encontradas de uma maneira simples e fácil; por outro, alguns críticos afirmam que ler uma obra adaptada é como omitir o encontro com o real, com o original, optando pelo que é reduzido, pela cópia. Logo, é necessário reiterar que, embora a adaptação em si advenha de um texto já criado e publicado, ela não pode ser entendida apenas como a cópia da obra: ela vai muito além disso.

A partir da leitura de uma determinada obra, um outro sujeito, que não é o autor do texto base, decide reescrevê-lo em outro gênero, configurando-o como uma adaptação. Por sua vez, é importante ressaltar que, discutindo acerca da compreensão de adaptação, a questão não está somente no adaptar um texto, porém em como essa obra foi adaptada, por quem e com qual objetivo ela foi criada. Mediante esses pontos de vista, é possível refletir sobre a qualidade desse produto, ou seja, os atributos que uma obra adaptada recebe após o seu feito.

Essa discussão, que recai no campo da qualidade desse trabalho de adaptação, vai ao encontro do uso das histórias em quadrinhos¹ no processo do ensino de literatura na sala de aula. Ora, se um professor leva uma obra literária adaptada (com a qual o discente nunca teve contato), no intuito de este ser despertado a – futuramente – ler um romance no formato original, é fato que há de se criar uma imagem, a história será conhecida pelo aluno/leitor.

Mas será que essa adaptação caminha em paralelo à estória, isto é, assemelha-se à experiência de leitura do romance no formato original? Por conta deste questionamento, torna-se fundamental pensar em não levar apenas uma adaptação aos alunos, objetivando despertá-los à leitura desse texto. Nesse viés, pode-se apontar o fato de muitos profissionais da educação estarem fazendo uso dos textos adaptados como aporte pedagógico na sala de aula, a saber, um caso a se destacar é o de alguns docentes que escolhem trabalhar romances adaptados às histórias em quadrinhos.

Sob essa premissa, é significativo salientar que a decisão de elaborar este trabalho se deu a partir das experiências vividas nos três últimos anos de educação básica; de quando a

¹ Gênero recorrente nas aulas de leitura atualmente.

professora de Língua Portuguesa/Literatura solicitava leituras das obras cujos períodos literários estavam sendo estudados na sala de aula, e vários alunos recorriam a resumos e vídeos de internet, com o fito de conhecerem a obra solicitada pela docente. Tais pesquisas, infelizmente, contribuíam para o pouco e raso conhecimento dos discentes que, à época, cursavam o Ensino Médio. Estes que, possivelmente, estariam dando seus primeiros passos enquanto leitores de literatura, substituíam a experiência do encontro estético por um mero preenchimento de dados.

Nessa perspectiva, a partir da referida abordagem, é concebível pensar em formular hipóteses que possam contribuir para uma leitura literária prazerosa na sala de aula, a fim de que tanto o professor quanto o aluno saiam ganhando nesse processo. E foi refletindo acerca das aulas de literatura, visando à formação do aluno leitor de literatura e à prática docente, que se decidiu trabalhar a adaptação ao gênero quadrinhos de uma obra literária para o público escolar do Ensino Médio como proposta de incentivo à leitura.

Paralelamente a isso, o foco deste estudo foi voltado para os últimos três anos da educação básica, porque o acesso à literatura clássica no Brasil dá-se, em sua totalidade, quando o indivíduo chega a essa fase do ensino. Outrossim, não há como discutir literatura do Ensino Médio sem cogitar, entre os primeiros nomes, o de Machado de Assis. Este que é um dos destaques de todo o âmbito literário nacional. Em contrapartida, ao se propor a leitura da obra machadiana aos discentes, muitos deles afirmam que não se debruçam à apreciação do autor, ou não conseguem fazê-la, porque suas obras são construídas por meio de uma linguagem rebuscada e arcaica. Por seu turno, os textos de Machado de Assis apresentam uma série de reflexões que, embora date séculos, nunca deixam de ser atuais, pois trazem críticas cujas implicações instigam o leitor a olhar mais além daquilo que está diante de si.

De acordo com Neves (2012), as histórias em quadrinhos têm, gradativamente, ganhado prestígio na escola. Isso pode ser explicado por causa das peculiaridades inerentes a esse gênero discursivo, o que resulta em uma familiaridade com o estilo de leitura dos alunos. Oliveira (2010) diz que uma “outra explicação é que as linguagens verbais (palavras) e não-verbais (imagens) juntas ensinam melhor do que isoladas, pois elas prendem a atenção do aluno e fazem com que visualizem os conceitos”. Esse estreitamento de relações entre os estudantes/leitores e as HQs é um importante aliado quando se trata do incentivo à leitura, principalmente, a dos clássicos da literatura, como, por exemplo, **Dom Casmurro**.

A ampliação da familiaridade com a leitura de histórias em quadrinhos, propiciada por sua aplicação em sala de aula, possibilita que muitos estudantes se abram para os

benefícios da leitura, encontrando menor dificuldade para concentrar-se nas leituras com finalidade de estudo (BARBOSA, 2004, p. 23 *apud* LEITE, 2014, p. 3).

Dessa maneira, faz-se necessário dizer que este trabalho terá como arcabouço teórico Machado (2002), refletindo acerca da leitura de clássicos na escola desde cedo; Hutcheon (2011), teorizando as perspectivas relacionadas às adaptações; Eisner (1995), fundamentando os quadrinhos enquanto arte sequencial. E ainda, Barbosa *et al* (2022), apresentando contribuições acerca de como usar os quadrinhos na sala de aula; Por fim, Becker (2009), traz as perspectivas recorrentes entre Machado de Assis e as HQs, entre outros.

Tomando como base os autores supracitados, neste trabalho, tem-se como objetivo geral propor a adaptação em quadrinhos de **Dom Casmurro** como incentivo à leitura à obra de Machado de Assis. Arelados a esse propósito, há os objetivos específicos que são estes: (i) compreender as críticas relacionadas às adaptações dos clássicos em quadrinhos; (ii) discutir o trabalho com as HQs na sala de aula do Ensino Médio; (iii) apresentar o gênero HQ como mediador da leitura entre o aluno e a versão original da obra de Machado de Assis.

Seguindo por esse percurso, a metodologia deste trabalho é de cunho bibliográfico, uma vez que foram realizados o levantamento e o aprofundamento teóricos acerca das adaptações dos clássicos e das histórias em quadrinhos, relacionando-as à leitura literária machadiana. Nesse prisma, “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44). Além disso, a partir da delimitação dos objetivos que compõem este texto, é possível salientar que a pesquisa é de caráter exploratório, pois:

[...] têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado (GIL, 2002, p. 39).

Outrossim, o método que constitui este trabalho é o hipotético-dedutivo. À vista dessa assertiva, Prodanov (2013, p. 27) explica que “é o método que parte do geral e, a seguir, desce ao particular. A partir de princípios, leis ou teorias consideradas verdadeiras e indiscutíveis, prediz a ocorrência de casos particulares com base na lógica”. Logo, é significativo afirmar que se trata da constituição de conjecturas as quais serão abordadas com o fito de, a partir das hipóteses apresentadas, deduzir se essas pressuposições são verdadeiras. Isso porque caso as hipóteses sejam verdadeiras, as conjecturas também serão.

Assim sendo, primeiramente, realizou-se investigações a fim de compreender as reflexões e as críticas concernentes às adaptações dos clássicos; em seguida, desenvolveu-se uma abordagem voltada para o papel das histórias em quadrinhos na sala de aula do Ensino Médio como recurso de fomento à leitura literária, além de discutir o processo e a qualidade de HQs; posteriormente, selecionou-se três adaptações em quadrinhos do romance **Dom Casmurro**, e junto à obra original, foram feitas as análises comparativas, partindo da proposição de que as HQs podem ser aliadas do professor no trabalho de despertar do aluno a ler o texto literário.

Para tanto, em vista da delimitação deste trabalho, propõe-se a obra **Dom Casmurro**, tanto no seu formato original (romance), quanto na adaptação (HQs), como material de análise da referida pesquisa, pois é uma das obras que mais marca presença nas aulas de literatura do Ensino Médio. Ademais, as ilustrações em quadrinhos analisadas são de Wellington Srbek e José Aguiar (2021); de Alex Mir, Caio Majado, Michelle Rezende e Fabi Marques (2019); de Rodrigo Rosa e Ivan Jaf (2012). Por fim, buscar-se-á propor o uso das adaptações de clássicos machadianos, a exemplo de **Dom Casmurro**, como recurso pedagógico de modo que, a partir da leitura do referido romance adaptado em HQs, auxilie o professor a fazer com que o aluno da fase final da educação básica seja despertado a apreciar a obra literária na sua versão original.

2 ADAPTAÇÕES DOS CLÁSSICOS: UMA QUESTÃO A SE REFLETIR

O que se entende acerca das adaptações está pautado na justaposição de uma obra criada em uma linguagem e, posteriormente, transposta para outra de um gênero distinto, ou de uma mídia que sofre mudança para outra, assumindo também uma nova autoria. Nesse sentido, as adaptações não podem ser entendidas como uma repetição da obra original em um formato divergente, uma vez que elas possuem as suas peculiaridades. Assim sendo, de acordo com Hutcheon (2011, p. 40), “em vários casos, por envolver diferentes mídias, as adaptações são recodificações, ou seja, traduções em forma de transposições intersemióticas de um sistema de signos (palavras, por exemplo) para outro (imagens, por exemplo).”

Mediante esse significado, torna-se viável afirmar que alguns críticos julgam os trabalhos de adaptação como “inferiores”, uma vez que são desenvolvidos a partir de obras já publicadas. Por seu turno, esses projetos não devem, e nem podem, ser discutidos por essa visão, porque antes de se tornarem, de fato, adaptação, eles passaram por todo um processo de criação. Outrossim, tais trabalhos têm sido utilizados, tanto como produções cinematográficas, quanto aporte pedagógico na sala de aula. Este que também faz parte do objeto de estudo deste trabalho.

Nessa acepção, faz-se necessário comentar as perspectivas abordadas por Hutcheon (2011, p. 29), na qual ela discute três visões relacionadas à compreensão de adaptação. De acordo com a autora, primeiramente, é vista como “uma entidade ou produto formal”; em segundo lugar, como “um processo de criação” e, por fim, como um “processo de recepção”. Com base nessas considerações, é possível chegar a um denominador comum: a adaptação passa por um *processo* para chegar a ser um *produto*. Dessa maneira, “uma definição dupla de adaptação como um produto (transcodificação extensiva e particular) e como um processo (reinterpretação criativa e intertextualidade palimpséstica) é uma maneira de abordar as várias dimensões do fenômeno mais amplo da adaptação.” (*idem*, 2011, p. 47).

Posto isso, quando o adaptador decide desenvolver um trabalho dessa natureza, ele deve entender que será necessário a leitura da obra original, reunir as suas compreensões acerca do que leu e, por fim, transpor para outro gênero ou mídia as inferências obtidas a partir do que leu/experienciou. Por seu turno, tal discussão recai no campo da qualidade desse produto. Como os tipos de adaptações são diversos, muitos são os seus processos e produtos, apesar de uma mesma história poder ser contada de diferentes formas e/ou gêneros.

Tal perspectiva explica-se porque há adaptadores que se utilizam desse trabalho para apenas produzir por produzir, isto é, pensando no recurso financeiro, abstendo-se de se

debruçar em desenvolver um projeto cujos resultados serão bem aceitos pela crítica. Sob essa perspectiva, uma das primeiras provocações a serem observadas por quem pretende ler um texto adaptado (o professor com seus alunos, por exemplo) é analisar como se deu o processo de produção desse trabalho, quem integrou esse processo, e, se possível, com qual objetivo. Desse modo, será possível selecionar um material que faça valer a pena a escolha, tal como será visto adiante.

“Por motivos econômicos, os adaptadores frequentemente optam por adaptar obras já conhecidas e que se mostraram populares ao longo dos anos; por motivos legais, eles muitas vezes escolhem obras que não possuem direitos autorais.” (HUTCHEON, 2011, p. 55). A partir dessa afirmação, é possível pontuar os clássicos da literatura como obras cujas adaptações são mais acessíveis de serem realizadas, posto que já passaram por diversas publicações e edições.

Antes de mais nada, é factual salientar que adaptação não é a fuga ao texto original, mas atua também como uma facilitadora da leitura da obra clássica. O primeiro contato do leitor com a obra não precisa ser, necessariamente, com o romance em seu formato original, evitando que ele encontre dificuldades que o farão desistir de mergulhar no escrito. Por outro lado, se for conduzido a ler a obra adaptada, de início, ele conseguirá desenvolver a leitura de uma forma mais leve e atraente. Tal assertiva é esclarecida, partindo do ponto de vista de que o romance – constituído apenas pelo recurso verbal – não seja agradável ao aluno/leitor com o qual ainda não teve contato.

Também não é necessário que essa primeira leitura seja um mergulho nos textos originais. Talvez seja até desejável que não o seja, dependendo da idade e da maturidade do leitor. Mas creio que o que se deve procurar propiciar é a oportunidade de um primeiro encontro (MACHADO, 2002, p. 12)

Em face disso, torna-se fundamental destacar o papel da adaptação, pois, em consonância com a autora, nem todos os alunos que são levados a ler um clássico podem ser conquistados pela leitura, o que, por sua vez, causará frustração e resistência a essa prática, em geral. Pois, em sua maioria, os cânones literários possuem uma linguagem arcaica e rebuscada a qual está distante do linguajar do leitor em formação. Isso, por sua vez, prejudica a leitura e, conseqüentemente, o desejo aguçado de querer concluir a apreciação do romance. Diante disso, é possível ressaltar que, quando o aluno tem contato com um texto adaptado, constituído por recursos que atraem sua atenção, ele é provocado a ler a obra.

Os recursos que compõem a organização da adaptação também contribuem para a leitura do texto clássico. Conforme Hutcheon (2011, p. 49), “contar uma história em palavras,

seja oralmente ou no papel, nunca é o mesmo que mostrá-la visual ou auditivamente em quaisquer das várias mídias performativas disponíveis”. Essas estratégias são formas de atrair o aluno a uma leitura prazerosa. É possível citar o marketing e a forma como são construídas as HQs, como exemplos desses recursos. Nessa perspectiva, tal discussão evidencia o que teorizou Hutcheon anteriormente, ou seja, o aluno/leitor não tem mais acesso somente ao romance na versão original, mas também, ou antes de tudo, a outros aspectos que o conduzirão ao texto fonte.

Por outro lado, há um aspecto fundamental a ser pontuado acerca das adaptações. Teixeira (2015, p. 27) reitera que “o leitor deve ter em mente que não está lendo a obra original, por mais fiel que seja a adaptação”. Nessa conjuntura, é imprescindível acentuar que ler a adaptação com o intuito de que ela seja tal qual a versão original é criar expectativas desnecessárias. Isso porque, como supracitado, os textos adaptados têm a sua autoria própria, isto é, quem o desenvolveu não é o mesmo autor do romance original. Desse modo, é facilmente atestado: duas mentes, duas ideias, interpretações e contextos divergentes. A compreensão e a leitura que os autores/criadores tiveram do texto, certamente, destoa do autor da versão inédita.

3 NASCE UMA HISTÓRIA... A HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

3.1 Do anonimato à fama: o percurso das histórias em quadrinhos

As histórias em quadrinhos são textos cuja narração constrói-se por meio de imagens e textos em sequência. Por isso que também são conhecidas como arte sequencial. “São elaboradas com a utilização de recursos gráficos visuais (desenhos, quadrinhos, personagens, cores, balões, cenários, etc.) e verbais (as falas, tipos de letras, onomatopeias, etc.), recursos que lhes conferem características muito particulares” (LEITE; SILVESTRE, 2015, p. 6).

Falar de histórias em quadrinhos é debruçar-se sobre uma temática que, embora atual, não é recente. Desde as mais antigas civilizações, já havia gravuras que se assemelhavam a esse gênero, como as artes rupestres no período da pré-história. Em simbiose com os estudos de Luyten (1985), as primeiras aparições das histórias em quadrinhos (intituladas com esse nome) deram-se ainda no século XIX, quando o ilustrador Richard Outcault desenvolveu narrativas curtas que contavam as vivências de um jovem morador dos guetos de New York. Ele recebeu tal mérito por ter sido aquele que primeiro utilizou o *balão* como elemento fundamental das HQs.

De acordo com informações do blog Dark Blog, retiradas da matéria “Mais de 150 anos de História dos quadrinhos no Brasil²”, é possível compreender que o gênero está enraizado há muito tempo no Brasil. Nestas terras, as histórias em quadrinhos aparecem desde meados do século XIX, com o italiano Angelo Agostini, cujas publicações narravam a sociedade do Rio de Janeiro face à Corte Portuguesa. Suas primeiras publicações foram na revista *Vida Fluminense* com personagens como Nhô Quim (1869) e Zé Caipora (1883).

Figura 1 – Recorte do capítulo I da primeira história em quadrinhos: As Aventuras de “Nhô-Quim”, ou impressões de uma viagem à corte.

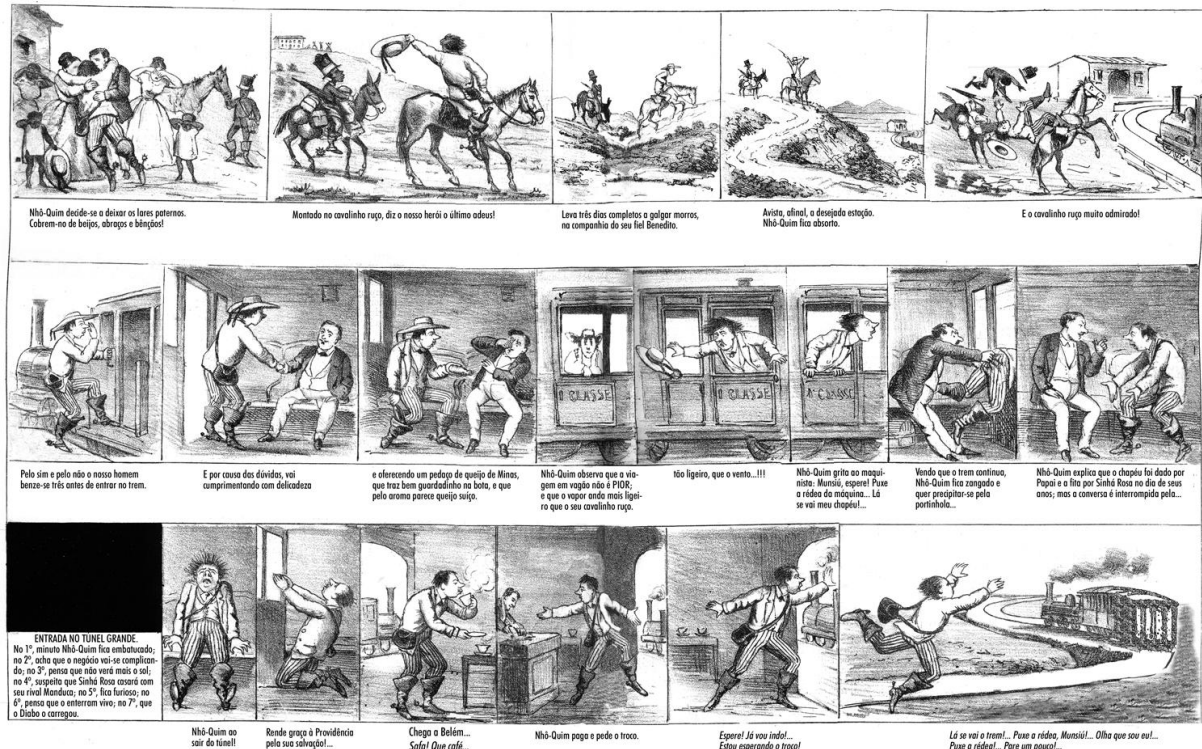
As Aventuras de "Nhô-Quim", ou impressões de uma viagem à corte

Ângelo Agostini (30 de janeiro de 1869 - Jornal *Vida Fluminense*)

História em muitos capítulos
(De Minas ao Rio de Janeiro)

Nhô-Quim, jovem de 20 anos, filho único de gente rica porém honrada, enamorara-se de Sinhá Rosa, moça virtuosa, mas que... de louca nem um pires. O velho Quim, tendo só em vista a felicidade do pequeno, entende que mulher sem dinheiro é asneira; e por isso em lugar de mandar o filho plantar batatas (o que seria muito proveitoso na roça), resolve dar-lhe um passeio à Corte para distraí-lo.

Capítulo I



www.quadrinho.com

PS. O texto original é manuscrito. Estes foram digitados pelo melhor leitor.

Fonte: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (2022).

Em outubro de 1905, as HQs deram um passo significativo. Nesse ano, ocorreu o lançamento de uma revista totalmente voltada para as artes sequenciais: o periódico *O Tico-Tico*, com média de publicação de 30 mil exemplares à época, de acordo com Barrella (2013), sob a organização do artista Renato de Castro. Seguindo o percurso do conhecimento

² Disponível em:

<https://darksided.blog.br/mais-de-150-anos-das-historias-em-quadrinhos-no-brasil/>

nacional, em 1929, Adolfo Aizen vai aos Estados Unidos e conhece os suplementos das histórias em quadrinhos, o que ocasionou em setembro do mesmo ano a primeira publicação desses suplementos no *formato tabloide*³.

A partir da década de 30, surgiram várias publicações concernentes às HQs no âmbito nacional. É possível citar as revistas *O Gibi*, de 1939, título que se tornaria um sinônimo para o gênero em foco no país; *O Cruzeiro* como fortes propulsoras do trabalho com os textos quadrinistas.

A editora O Cruzeiro. Responsável pela publicação de O Cruzeiro, revista de notícias e variedade de maior importância no Brasil no período em que existiu. Nos anos 1940, passou a publicar histórias em quadrinhos para o público infantil mais novo. Os principais personagens eram: Luluzinha, Bolinha, Zé Colmeia, Gasparzinho e Manda-Chuva. Em 1959, lançou Pererê, com histórias em quadrinhos sobre o Saci Pererê, de autoria de Ziraldo (BARRELLA, 2013, p. 13).

Diante disso, é perceptível que as HQs ganharam conhecimento no país, sobretudo, por meio das revistas e dos jornais de influência no século passado: principais meios de comunicação/informação da época. Outrossim, na esteira de Fagundes (2018), A EBAL – Editora Brasil América Ltda – instituída em 1945 tomou para si a incumbência de tornar domínio público as HQs dos heróis da Marvel, a saber, Capitão América e Homem Aranha, e da DC, tais como Superman e Batman. Por outro viés, além de divulgar períodos históricos do Brasil, a editora “também lançou muitos títulos de artistas brasileiros ilustrando, em quadrinhos, grandes títulos nacionais, como Gabriela, Cravo e Canela, Iracema, O Guarani, entre outros.” (BARRELLA, 2013, pp. 12-13).

Haja vista o sucesso da EBAL, a RGE – Rio Gráfica Editora – surgiu tornando-se a sua principal rival. Esta editora tinha em foco criadores internacionais, agindo de acordo com os gostos do mercado. A RGE, por sua vez, passou a ser intitulada Editora Globo em 1980, recebendo textos de famosos cartunistas do gênero como Maurício de Sousa. Segundo Barrella (2013), a editora trabalha com publicações de *graphic novels* e quadrinhos em álbuns.

Outra editora importante para a propagação das HQs no Brasil foi a Abril, de 1950. Os personagens da Disney, como “Mickey Mouse”, “Pato Donald”, “Zé Carioca”, etc, ganharam conhecimento do público nessa época; além de nas décadas de 70 e 80, conforme reitera Barrella (2013, p. 13), “assumiu as publicações da Marvel e [...] as da DC Comics”. Nos dias atuais, ainda trabalha na divulgação dos personagens da Disney.

³ O termo tabloide trata-se de um tipo de jornal cuja origem se deu em meados do século XX. Seu formato se constituía em páginas com medidas de cerca de 43 x 28 cm. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tabloide>

A partir dos anos 60 até o fim do século XX, essas editoras passaram a inserir trabalhos em HQs em suas publicações. Isso, conseqüentemente, promoveu a ampliação e a divulgação desse gênero. Atualmente, os nomes que têm suma relevância para o conhecimento dos quadrinhos no país são Ziraldo (criador da turma do Pererê e do Menino Maluquinho) e Maurício de Sousa (o pai da turma da Mônica). Diante disso, torna-se necessário ressaltar que as artes sequenciais há muito tempo fazem parte da sociedade leitora brasileira. Acerca dessa assertiva é significativo salientar que esses 150 anos no Brasil não são somente para *enrolar/passar o tempo* das crianças e dos adolescentes; elas, por seu turno, têm contribuições importantes nas reflexões sobre questões históricas e sociais. Fagundes (2018, p. 20) ratifica que “o grande exemplo citado, foi a criação de heróis patriotas durante a Segunda Guerra Mundial, que pregavam o bem através de seus feitos e palavras, a fim de proteger os oprimidos, lutando contra nazistas e fascistas.”

Seguindo esse curso, as HQs foram ganhando espaço entre os leitores (inter)nacionais por causa, sobretudo, da linguagem de fácil acesso. Nessa premissa, Neves (2012, p.8) julga que “o sucesso dos quadrinhos está no uso de imagens em situações contextuais que facilitam o entendimento da leitura. A história em quadrinhos explora a linguagem não verbal, complementada pelo uso da linguagem verbal de forma clara e objetiva”. Tal concepção contribui para a concretização da teoria de que os quadrinhos podem ter papel significativo na formação de jovens leitores.

Por outro viés, há críticos defensores da ideia de que as HQs não passam de uma produção resumida do texto literário, ou seja, que os quadrinhos surgiram para reduzir a arte literária, omitindo o acesso ao texto original.

É infundada a crítica que se faz aos quadrinhos, principalmente aquela que os considera subliteratura ou ‘sub-arte’. Isso porque, uma vez que os quadrinhos tenham se nutrido em fontes literárias ou pictóricas, não quer dizer que esses materiais conservem a sua natureza depois de adquirirem sua forma final. É o que acontece com o cinema: depois de o roteiro passar para a linguagem cinematográfica não é mais literatura e, sim, uma nova e vigorosa modalidade artística (LUYTEN, 1985, p. 12).

Nesse sentido, em consonância com a autora, é factual atestar que, a partir do momento que o texto literário passa a ser adaptado em quadrinhos, ele se torna uma arte sequencial adequada aos moldes deste gênero. À vista disso, não há perdas textuais no processo de adaptação, o que acontece é que cada gênero possui suas peculiaridades. Isto é, apesar de ser o mesmo escrito, os caminhos (gêneros) para se chegar ao leitor são diferentes. Outrossim, é imperativo reiterar que os quadrinhos não dizem respeito à redução do texto

original, mas a uma literatura que leva ao leitor maneiras simples e claras de se entender o texto literário. Isso, aliado à diversidade de publicações e à qualidade, atraem cada vez mais o leitor a apreciar esses textos.

As histórias em quadrinhos, com sua linguagem de aspecto elíptico, fornecem margem para o leitor pensar e imaginar, já que as HQ's mostram apenas os momentos-chave de seu enredo, possibilitando que os leitores criem situações para este espaço dado pelo autor (OLIVEIRA, 2010, p. 77).

Diante disso, torna-se viável abrir os olhos à importância que possuem os quadrinhos na formação do leitor literário. Isso porque, ao circunstanciar a fala do autor a estes elementos: aspecto elíptico e momentos-chave, é possível compreender que, à medida que os autores se pautam nesses momentos-chave (também chamados de *partes primárias*), o leitor acaba se encontrando nas elipses, ou seja, ele se deixa provocar e ser pescado a apreciar a obra original, a partir dos momentos implícitos do texto adaptado.

Ademais, a dupla combinação – visual e verbal – dessa arte sequencial contribuem no processo de leitura do aluno, pois se trata da utilização de dois artifícios para incentivá-lo e torná-lo um apreciador afincado dos textos literários. Além do mais, o texto que não é compreendido não é revistado. Texto compreendido e apreciado é propagado.

Por fim, é cabível pontuar que 30 de janeiro é celebrado o Dia Nacional das Histórias em Quadrinhos, gênero que, segundo o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (2022), em 2020, ocupou a segunda a posição dos gêneros mais lidos no país, ficando atrás apenas do romance.

3.2 E, na sala de aula, elas ganharam espaço

As histórias em quadrinhos começaram a fazer parte (ganhando espaço) das escolas só no ano de 2006 com o Programa Biblioteca na Escola, do Governo Federal. O Programa “visava incentivar o hábito da leitura em estudantes de escolas públicas do ensino fundamental e médio de todo o País. O projeto abarca cerca de 230 mil escolas no Brasil ao custo de mais de 54 milhões de reais.” (LIMA, 2012, p. 5). Nesse ínterim, torna-se imperativo ressaltar o papel da escola no que se refere ao incentivo à leitura. Apesar de estarem em curso há muito tempo entre o público leitor, os quadrinhos só passaram a ser, de fato, utilizados por alunos na instituição escolar, quando foram aderidos e encaminhados às bibliotecas.

Partindo dessa abordagem, é viável salientar que os ambientes de leitura, seja em rodas de amigos, seja na grande massa das redes sociais foram se ampliando; no entanto, a sala de aula ainda se configura como o espaço onde mais se desenvolve essa prática,

sobretudo a literária. Paralelamente, com o reforço do PNBE, também é na classe escolar que as histórias em quadrinhos têm marcado presença constantemente. Um fator que explica isso é que, segundo Neves (2012, p. 17),

No contexto atual em que é necessário reinventar aulas mais contextualizadas, em um ambiente estimulante que garanta a aprendizagem significativa, a história em quadrinhos pode representar uma solução. [...] Combinando linguagem verbal e não-verbal, a história em quadrinhos combina imagens e textos escritos, de fácil compreensão, articulando conteúdo com o cotidiano.

Em face disso, além de serem um gênero atual e próximo à realidade do aluno, as HQs se constituem como recurso didático, por conta da linguagem cotidiana que faz parte do conjunto social no qual estão inseridos esses jovens leitores. Por sua vez, é imprescindível ressaltar que não se trata de apenas fazer com que os estudantes recebam o gênero e leiam, como aporte pedagógico. Isso é “mais do mesmo”. Ou seja, o aluno passa a não conhecer as primícias, o alicerce, como tal, mas as entende somente como um texto que é necessário ser lido.

Nas HQs, entretanto, as imagens são tão ou mais importantes que a palavra. A riqueza de possibilidades expressivas, o potencial criativo das HQs, confere-lhe qualidade própria e autonomia artística. Portanto, não podem ser utilizadas apenas como facilitadoras de leitura dos clássicos literários (TEIXEIRA, 2015, p. 29).

Nessa conjuntura, faz-se primordial salientar que trabalhar com as HQs em sala de aula requer que o profissional desperte a sua criatividade. Pois, conforme Barbosa *et al* (2022, p. 26) “não existem regras. No caso dos quadrinhos, pode-se dizer que o único limite para seu bom aproveitamento em qualquer sala de aula é a criatividade do professor e sua capacidade de bem utilizá-los [...]”. Por seu turno, o que muito se tem observado é o uso dessa arte sequencial como objeto de atividades para medir o conhecimento do aluno concernente a algum conteúdo linguístico-gramatical, por exemplo, quando é solicitado que ele leia a história em quadrinhos para *responder ao que se pede*. Tal problemática não leva o estudante a ser despertado, nem a ler com olhar crítico esse texto.

“Fazer releitura de cenas do cotidiano, transformar textos narrativos em quadrinhos, construir histórias e propostas de abordagem de temas de forma mais lúdica e divertida são apenas algumas das formas de se utilizar a HQ em contexto escolar” (NEVES, 2012, p. 17). Em face disso, é factual defender que esse gênero configura-se como um recurso fértil em abordagem pedagógica, de modo particular no que se refere à questão de transformar textos narrativos em quadrinhos: proposta discutida neste trabalho. Isso porque, em consonância com o pensamento da autora, os quadrinhos podem ser um aporte significativo na classe

escolar pela junção imagem e texto, que contribui com a leitura do indivíduo leitor em formação.

No incentivo à leitura, as histórias em quadrinhos, com seu formato dinâmico, mesclando texto e desenhos, atraem a atenção de todos que as leem. Podendo despertar e motivar jovens ao gosto pela leitura, levando a ler desde cedo, e com isso tornando um provável leitor no futuro. Podendo ser uma porta de entrada para o mundo dos livros, quando as HQs são exploradas em função das linguagens utilizadas. Entretanto, o professor deve ficar atento, porque é muito mais fácil e dinâmico ler uma HQ que ler um livro “cheio de letras” (NEVES, 2012, p. 22).

Partindo desse pressuposto, é significativo lembrar que as HQs possuem uma linguagem adequada ao seu público, o que chama a atenção e contribui no aumento de buscas e adesões. Por outro lado, é necessário ser refletido acerca destes pontos: (1) como uma HQ aborda, com suas peculiaridades, as temáticas presentes no texto fonte? e (2) quais os aspectos usados para ser criada no que se refere à qualidade?

3.3 Entre o processo e o produto, há uma qualidade no meio do caminho

A partir da inclusão das histórias em quadrinhos nas bibliotecas escolares com o PNBE, o número de adaptações aumentou exponencialmente. Isso, por sua vez, incita debates acerca da qualidade desses trabalhos, pois a quantidade de adaptações em HQs, sendo maior por causa da demanda das escolas, gerou críticas quanto ao aspecto comercial e seu aproveitamento por parte do mercado editorial (LIMA, 2012). Ou seja, qualquer pessoa que apresentasse uma adaptação seria aceita? Como se daria o processo de escolha, nas grandes editoras, dos adaptadores, tanto roteiristas quanto ilustradores? Infelizmente, o mercado editorial se aproveita da oportunidade e oferece produtos irrisórios como forma de sanar dilemas.

Nessa perspectiva, os textos quadrinistas tornaram-se um produto importante no âmbito do despertar da leitura. Porém, antes de ser levado à sala de aula como objeto de trabalho, é de fundamental relevância analisar como se deu o processo de construção, desenvolvimento e criação de uma história em quadrinhos. É sabido que de uma única obra podem ser criadas várias HQs, a saber **Dom Casmurro**, que servirá como objeto de análise para este trabalho. Isso se dá porque, como dito anteriormente, cada adaptação tem a sua autoria, e se cada uma tem seu criador, é óbvio que todas possuem as suas singularidades.

Escolher uma HQ para ser levada aos alunos é algo que se torna uma faca de dois gumes, visto que, à medida que o professor pode cativar o aluno a querer continuar conhecendo determinada obra, o assistido também pode se frustrar com o próprio texto. Como

isso se configura? A depender do material, muitas expectativas acabam caindo por terra. É necessário, de maneira primordial, saber que material selecionar, além de se fazer certos questionamentos, como: quem produziu, por que foi feito, quais os critérios.

A compreensão de uma imagem requer uma comunidade de experiência. Portanto, para que sua mensagem seja compreendida, o artista sequencial deverá ter uma compreensão da experiência de vida do leitor. É preciso que se desenvolva uma interação, porque o artista está evocando imagens armazenadas nas mentes de ambas as partes (EISNER, 1995, p. 13).

Nesse ínterim, é imprescindível salientar que é preciso conhecer a obra com profundidade para, posteriormente, realizar uma adaptação. Embora haja interpretações que divergem, não é aceitável (ou não deveria ser) que uma adaptação mude ou “invente” um rumo para o texto que seja muito distante daquele que está na obra original. Um leitor que ainda não teve contato com o texto na versão primeira, ao ler uma adaptação, vai criar uma imagem e, obviamente, ter uma opinião acerca do enredo original. Desse modo, é indispensável observar como se constitui esse trabalho/produto, pois uma história mal contada, a depender da situação, causa estragos significativos.

Em face disso, cabe destacar dois pontos concernentes à qualidade que devem ser considerados na escolha da HQ: (1) qualidade estética; (2) qualidade enquanto adaptação. Analisar uma HQ do ponto de vista estético é fundamental para que se entenda o objetivo do ilustrador, uma vez que a leitura do imagético em paralelo com o verbal corrobora para o conhecimento da estória em si. Além disso, de acordo com Lima (2012), um texto em quadrinhos que usa mais a linguagem verbal a visual, “enchendo as páginas de legendas com blocos textuais longos, gerando pouca dinâmica visual” (*idem*, p. 7), não demonstra recursos criativos, primordiais para o trabalho com esse gênero.

Para tanto, ambos os recursos devem estar paralelamente construindo cada elemento quadrinista, seja os balões, as nuvens, os quadros em si, os desenhos, etc, uma vez que um artifício que atraí, sem sombra de dúvidas, a atenção do leitor é a estética do texto, desde a capa à última página. “As HQ se tornam um modelo atrativo de leitura pela sua particularidade de unir duas riquíssimas formas de expressão cultural: a literatura e as artes plásticas. Isso a torna uma fonte importante de inspiração para as iniciativas didáticas” (LIMA, 2012, p. 2). Isso posto, o leitor que julga rebuscado um texto “cheio de letras”, principalmente, arcaicas, como por exemplo, os de Machado de Assis, desenrola uma obra do autor, sendo ela uma adaptação, visto que linguagens com apelo visual colaboram para o aprendizado dos alunos.

Por seu turno, no tocante à qualidade das histórias em quadrinhos enquanto adaptação, é possível citar o aspecto econômico, além de ponderar comparativos entre ambas as versões. Os roteiristas/desenhistas optam por adaptar textos que estão no domínio público, para não haver atritos quanto aos direitos autorais. Outrossim, ao citar Zeni (2010), Lima (2012) ratifica:

Se pretende que a sua adaptação seja um auxiliar ao texto original, então o que vai exigir é que ela seja o mais fiel possível. Se seu objetivo é fazer uma releitura, a exigência será de que o autor utilize os recursos da nova linguagem tão bem quanto o autor do texto original. É preciso uma preocupação muito grande com a qualidade, que a adaptação seja muito boa no seu novo meio, independente do original (ZENI *apud* LIMA, 2012, p. 6).

Com base na abordagem, torna-se factual lembrar que neste trabalho o objetivo não é abordar a adaptação em quadrinhos como substituta/auxiliar do texto original, mas apresentá-la como material de incentivo à leitura literária. Em contrapartida, em simbiose com o autor, é possível ressaltar que no texto adaptado deve haver as particularidades da versão primeira adequada ao seu gênero. Nesse sentido, o ilustrador realiza comparações, isto é, analisa o que deve continuar como texto verbal e o que se transpõe em imagens, desenhos, ou mesmo não aparece na HQ, tornando-se um aspecto elíptico.

“Essa plasticidade da história em quadrinhos, que lhes permite veicular mensagens de todo o tipo e narrações outras que não a ficção, demonstra que, antes de ser uma arte, os quadrinhos são perfeitamente linguagem” (GROENSTEEN, 2015, p. 29). Nessa conjuntura, para concretizar o processo de adaptação, o autor desenvolve a transposição da linguagem do escrito fonte e adequada à dos quadrinhos. Isso acontece para que seja, de fato, uma adaptação, isto é, adequação de um texto de uma linguagem à outra.

“Os espaços específicos às histórias em quadrinhos, tais como balão de fala, o quadro e o requadro, a *tira* (faixa horizontal que é o primeiro nível de agrupamento dos quadros) e a prancha, serão convocados sucessivamente para análise de suas intenções.” (*idem*, 2015, p. 31-32). Partindo dessa fala, o passo seguinte é delimitar o texto original e acentuar nos recursos que compõem a HQ. Tal questão dá-se pelo fato do recurso verbal, exclusivo do gênero narrativo, ter de ser reconstruído, refeito e relido nos quadrinhos; além de saber selecionar quais partes do texto serão representadas em imagens, ou traços dos personagens, ou ainda constituirá o cenário em si.

Assim sendo, Eisner (1995, p. 38) salienta que “a função fundamental da arte dos quadrinhos [...] envolve o movimento de certas imagens [...] no espaço. Para lidar com a *captura* ou encapsulamento desses eventos no fluxo da narrativa, eles devem ser decompostos

em segmentos sequenciados”. Diante disso, compreende-se que os quadrinhos são uma opção favorável e atraente por serem constituídos de uma linguagem cuja estrutura permeia o contexto no qual os discentes estão inseridos.

3.4 Quadrinhos e Literatura: um encontro de adaptações

As obras literárias são fundamentais no processo de ensino-aprendizagem e incentivo à leitura. Em contrapartida, um dos principais percalços encontrados é a forma como esses textos têm sido trabalhados em sala de aula. Isso posto, é concebível dizer que o estudante já recebe o texto literário, o romance, por exemplo, com a “missão” de ler para saber responder ao que será exigido em uma determinada atividade avaliativa concernente ao texto. Ou seja, é como se ele fosse o personagem principal de uma história à qual ele não pode modificar nada no roteiro. Diante disso, faz-se compreendido o porquê de os alunos resistirem à prática de leitura, sobretudo a literária.

Sob esse prisma, é de suma relevância reiterar a seguinte discussão. Antes de dizer ao aluno que ele precisa ler a obra X porque se trata de um romance com características de um determinado período literário e que deve ler pois será cobrado na prova, acredita-se em um resultado muito mais exitoso se, ao invés de fazer como dito, levar esse texto literário e dizer o que o estudante vai conhecer a partir da leitura dele, ou seja, o professor está atribuindo um significado mais social a estrutural ao texto. Partindo do ponto de vista social referente à temática, às intenções do autor, às influências, é possível atestar que o discente sentir-se-á mais provocado a apreciar a obra como, de fato, é esperado.

Outrossim, um outro aspecto está inerente a essa abordagem. Como as obras literárias, sobretudo as clássicas, possuem linguagem rebuscada, o que dificulta a compreensão do jovem leitor em formação, o docente, utilizando-se de estratégias de leitura diferenciadas, pode contribuir no desenrolar dessa prática. Levar o texto literário adaptado em quadrinhos à sala de aula é um exemplo contundente para essa proposta, porque é justamente no quesito linguagem que este gênero obtém forte influência.

A interligação do texto com a imagem, existente nas histórias em quadrinhos, amplia a compreensão de conceitos de uma forma que qualquer um dos códigos, isoladamente, teria dificuldades para atingir. Na medida em que essa interligação texto/imagem ocorre nos quadrinhos com uma dinâmica própria e complementar, representa muito mais do que o simples acréscimo de uma linguagem a outra – como acontece, por exemplo, nos livros ilustrados –, mas a criação de um novo nível de comunicação, que amplia a possibilidade de compreensão do conteúdo programático por parte dos alunos (BARBOSA *et al*, 2022, p. 22).

Dessa forma, é significativo salientar que a linguagem dos quadrinhos contribui e facilita a leitura de uma obra do cânone literário. Além disso, de acordo com o pensamento de Becker (2009), é possível estabelecer quatro aspectos concernentes à adaptação em quadrinhos de obras literárias. O assunto, a forma, o estilo e o meio devem ser analisados. Isso porque o *assunto* trata de como o enredo do texto fonte está adequado à adaptação, isto é, como o ilustrador/roteirista transpôs a obra de um gênero a outro; ao passo que a *forma* está relacionada à questão do como foi construída a HQ ao ponto de se conquistar ou não o interesse leitor pelo texto em si. O *estilo* está pautado justamente na linguagem abordada, ou seja, nas construções, nas formulações e nas adequações feitas pelo roteirista de modo que o romance seja bem aceito/desenvolvido. Por fim, o *meio* refere-se à qualidade de produção da HQ, isto é, nos objetivos do ilustrador ao desenvolver uma adaptação que possa incentivar um público a apreciar o texto literário.

Nesse sentido, “a adaptação pode ser vista como incitadora à leitura” (BECKER, 2008, p. 491). Pois as escolhas pré-estabelecidas, tanto na construção das adaptações, bem como na escolha do material a ser apresentado ao aluno, resultam na forma como o leitor será provocado a apreciar o texto original. No que concerne à função do ilustrador, ele lê diversas vezes o texto original no intuito de compreendê-lo ao máximo, a fim de deixar o seu trabalho de adaptação o mais próximo possível da estória na versão fonte.

Ademais, esse profissional precisa estar atento à questão da criação das imagens, pois estas configuram-se como a síntese de várias palavras. Um exemplo disso são os capítulos dos textos de Machado de Assis em que o narrador apenas descreve o ambiente onde acontecerá algo. Isso, por sua vez, nos quadrinhos está representado pelas imagens. Nessa acepção, é que há a importância de absorver com veemência o texto antes de adaptá-lo, pois uma compreensão malfeita pode gerar uma leitura deturpada.

Por outro lado, o professor, ao selecionar uma HQ, precisa estar consciente de que, segundo Oliveira (2019, p. 4), “a linguagem acessível, as ilustrações, o foco nos momentos decisivos da narrativa” tornam as adaptações mais atraentes. Uma leitura em que o leitor/aluno sintam-se envolvido é um dos primeiros passos para se construir uma amante dos livros. Para isso, de acordo com Machado (2002), uma adaptação bem feita e selecionada pode despertar no indivíduo o desejo pela apreciação de textos na versão inédita. A Literatura e os quadrinhos são uma dupla fascinante no processo de leitura dos discentes em formação. Enquanto uma é dotada de palavras que levam o leitor a mundos jamais vistos e vividos, os

outros captam esse conjunto de letras e o transformam em imagens e falas atrativas e encantadoras.

Ainda sobre a função do professor no trabalho com as adaptações em quadrinhos de obras literárias, cabe pontuar duas questões importantes: (1) antes de o docente selecionar uma adaptação na biblioteca da escola para levar aos discentes, é fundamental dizer que o único componente que não tem direito de escolha é justamente aquele que receberá o material, isto é, o aluno.

Numa última perspectiva, o desencontro literatura-jovens que explode na escola parece mero sintoma de um desencontro maior, que nós — professores — também vivemos. Os alunos não leem, nem nós; os alunos escrevem mal e nós também. Mas, ao contrário de nós, os alunos não estão investidos de nada. E o bocejo que oferecem à nossa explicação sobre o realismo fantástico de **Incidente em Antares** ou sobre a metalinguagem de **Memórias póstumas de Brás Cubas** é incômodo e subversivo, porque sinaliza nossos impasses. Mas, sinalizando-os, ajuda a superá-los. Pois só superando-os é que em nossas aulas se pode cumprir, da melhor maneira possível, o espaço de liberdade e subversão que, em certas condições, instaura-se pelo e no texto literário (LAJOLO, 2005, p. 16, grifo nosso).

Por conseguinte, o ato de “forçar” o assistido enquanto leitor em formação torna-se uma maneira resistente à leitura literária. Em face dessa complexidade, é cabível salientar que o diálogo entre os atores constituintes da instituição escolar configura-se como um caminho de levar o aluno a se sentir incluído na escolha, além da divulgação desse material, atenuando os resquícios de subversão e obrigatoriedade. Ler é um verbo que não pode/deve ser conjugado no modo imperativo de ordem.

A outra questão (2) pauta-se na figura do professor. É substancial que ele tenha conhecimento do que está usando como material didático, isto é, antes de o docente trabalhar com uma HQ do cânone literário, é fundamental que ele conheça a obra. Infelizmente, há professores de Língua Portuguesa que não costumam utilizar textos literários com seus alunos. Diante dessa complexidade, percebe-se a importância de se ter um professor que, embora não goste, saiba lidar com Literatura e tenha convicção da relevância que essa área do conhecimento possui na vida do estudante. Destarte, tal discussão vai ao encontro do que reiterou Lajolo (2005).

Frequentador assíduo dos clássicos, sua opção pelos contemporâneos, pelas crônicas curtas ou pelos textos infantis deve ser, quando for o caso, mera preferência. Em outras palavras: o professor de Português pode não gostar de Camões nem de Machado de Assis. Mas precisa conhecê-los, entendê-los e ser capaz de explicá-los (LAJOLO, 2005, p. 22).

À vista disso, é factível atestar que adaptações de textos literários para histórias em quadrinhos podem contribuir para as aulas de literatura de modo que o aluno tenha um

primeiro contato com a narrativa e, assim, possa aguçar sua curiosidade, levando-o a querer conhecer a obra completa, isto é, a versão original. Isso se dá, partindo do pressuposto de que o texto adaptado em HQs possui uma linguagem menos rebuscada, além de ser acompanhado pelo recurso imagético que o torna um interessante aliado nessa jornada de formação de leitores.

Diante dessa abordagem, é possível perceber a relevância do uso dos quadrinhos como proposta de fomento à leitura literária no processo de formação de leitores. Isso porque se observa que as HQs têm marcado presença nas aulas de leitura, além de ser um gênero recorrente na vida dos jovens estudantes, seja por meio de textos físicos, seja por via das redes sociais.

4 UM PASSEIO POR MACHADO DE ASSIS: LER PARA CONHECER

Nas mais conceituadas universidades ao redor do mundo, é obrigatória a inserção do nome Joaquim Maria Machado de Assis nos planos de cursos de literatura da América Latina, literatura brasileira, comparadas. Reconhecê-lo como um dos mais geniais escritores de todos os tempos há muito deixou de ser novidade (GUIMARÃES *et al*, 2012, p. 57).

Machado de Assis é um dos nomes mais importantes da literatura brasileira. Seu nome sempre está entre os primeiros nos estudos literários. Mesmo após um século de sua morte, sua história e suas histórias nunca deixaram de ser atuais. Uma explicação para isso é que “seus filhos” (os livros) concedem ao escritor uma marca inesquecível, a de estar além do seu tempo. Apreciar os textos machadianos é fazer uma viagem a um passado distante que relata a contemporaneidade; com uma boa dose de ironia e crítica social, o Bruxo do Cosme Velho passou por, praticamente, todos os gêneros literários: crônica, conto, romance, poesia, etc. Isso, por sua vez, chamou a atenção dos escritores que já haviam conquistado a fama à época, como Casimiro de Abreu, José de Alencar e Manoel Antônio de Almeida.

Em contrapartida, inicialmente, é de suma importância tecer considerações acerca de quem foi esse nome que revolucionou o meio literário, antes, durante e depois de ser conhecido mundialmente... Joaquim Maria Machado de Assis, ou Machado de Assis, nasceu em 1839 no morro do Livramento, no Rio de Janeiro e faleceu em 1908, também no Rio de Janeiro. Era filho de um pintor e de uma lavadeira. Além de ter ficado órfão muito cedo, Machado tinha tudo para não se tornar um dos grandes nomes da Literatura, pois era tímido, sofria de gagueira e epilepsia, além de ser descendente de escravos (em um período em que a escravidão estava recém-abolida), mas seu autodidatismo deixou-o sempre à frente de seu

tempo. Ao lado de Joaquim Nabuco, em 1897, fundou a Academia Brasileira de Letras. Sua ideia inicial era criar uma casa onde pudesse tratar e cuidar de questões relacionadas à língua e à literatura. Machado foi o fundador da cadeira de nº 23.⁴

É, sem dúvidas, um dos nomes mais importantes da literatura mundial do século XIX. No que se refere aos romances, ao todo foram 10, sendo **Ressurreição, A Mão e a Luva, Helena e Iaiá Garcia**, no Romantismo. Por seu turno, o que consagrou Machado de Assis como um dos grandes destaques da Literatura foi a sua participação no estilo realista, quando o introduziu no Brasil, em 1881, com a publicação de **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Esta obra foi um divisor de águas na vida do autor. Além disso, ele escreveu **Casa Velha, Quincas Borba, Dom Casmurro, Esaú e Jacó** e **Memorial de Aires**. É importante ressaltar que **Memórias Póstumas de Brás Cubas, Quincas Borba** e **Dom Casmurro** fazem parte da chamada trilogia machadiana, além de serem as obras mais conhecidas do autor. A trilogia tem como características em comum o protagonismo da mulher que o autor apresenta, o Rio de Janeiro como espaço narrativo.

Machado escreveu cerca de 200 contos e mais de 600 crônicas. Podem ser citados “Pai contra Mãe”, “O Espelho” e “A Cartomante”, como os contos mais lidos. Embora não tenha sido responsável pelo sucesso do escritor, Machado também caminhou pela poesia. Sua primeira publicação foi a coletânea de poemas **Crisálidas**.

[...] Machado é, sem dúvida, merecedor de incontáveis interpretações, exatamente por revelar em sua obra multifacetada uma não simultaneidade de tempos, que faz com que seu texto não se torne velho com o passar dos anos, mas possa transmutar-se em feição de documento histórico, em fonte primária para brasileiros e estrangeiros, historiadores culturais, jornalistas, pesquisadores de estudos culturais, como demonstram publicações das últimas décadas [...] (GUIMARÃES *et al*, 2012, p. 62).

Sua escrita provoca o leitor, toca as “feridas” sociais, implicando em reflexões acerca de temáticas como o racismo, a mulher e suas faces, a religiosidade etc. Machado tinha a força e a coragem de expor as situações que constituíam a sociedade. Seguindo a linha de Guimarães *et al* (2012), é implacável a forma como o escritor lida com os comportamentos do homem em meio a uma teia social hipócrita e egoísta. Além disso, o peculiar diálogo com o leitor, atrelado a um humor sarcástico e irônico, faz com que o autor estabeleça críticas à burguesia e às outras esferas sociais de seu tempo.

[...] Seus textos, hoje, suscitam algo incomum além do prazer da leitura – promovem reações imediatas, em que além da percepção da realidade intensificada, provocam interrogações a respeito da época em que foram escritos, lugares mencionados,

⁴ Informações retiradas de Assis (2008), (2008) e (2009).

pessoas envolvidas, condições políticas, sociais e culturais e trazem, sobretudo, indagações a respeito de quem os escreveu, junto à curiosidade de conhecer quem os lia, quem os lê (*idem*, 2012, p. 60).

Nessa perspectiva, é factível reiterar que ler Machado é conhecer a atemporalidade social, ou seja, as questões que permeavam o século XIX ainda presentes no contexto hodierno. Ademais, por meio dos seus personagens, proporciona ao leitor conhecer os atores da vida real, suas culturas, suas atitudes. À vista disso, fica claro o porquê de o Bruxo do Cosme Velho ter uma grande influência no meio literário, estando, de acordo com Guimarães *et al* (2012), entre os cem gênios da literatura mundial, junto a Shakespeare, Luís de Camões e Baudelaire.

Perante o exposto, é necessário compreender a importância do escritor realista no processo de ensino e formação do jovem leitor/aluno. Conforme Zilberman (2012, p. 212), “o acesso à leitura e ao conhecimento da literatura é um direito desse cidadão em formação, porque a linguagem é o principal mediador entre o homem e o mundo”. Nesse sentido, propor os textos de Machado de Assis em prol da construção literária de estudantes leitores é uma maneira de levar o alunado a entender que o texto literário não se configura apenas como passatempo, mas é por esse caminho que ele poderá entender o contexto histórico-social em que está inserido.

Os textos literários situam-se entre a conotação e a denotação, entre o real e o imaginário, sugerindo uma participação mais ativa do leitor, que deve ser convidado a entrar no universo da verossimilhança literária. A entrada nesse universo implica diretamente uma participação de outra natureza, uma vez que a fruição artística, via literatura e suas manifestações, pode provocar transformações no leitor, que se reconhecerá num universo de imaginação e recriação a partir do real e de sua transformação em material literário (GUIMARÃES *et al*, 2012, p. 21).

Torna-se notável, dessa forma, que o texto literário proporciona ao indivíduo uma transformação, a partir do olhar que tem da sociedade. E é sumamente nesse aspecto que os escritos machadianos contribuem na leitura dos estudantes. Isso porque suas provocações podem levar o sujeito a refletir e a saber discutir a sociedade, como por exemplo, no tocante a questões relacionadas ao adultério, tal como é narrado em **Dom Casmurro**. A suposta traição que é contada pelo personagem Bentinho nos confronta com um narrador-personagem cuja confiabilidade é questionável. Essa obra leva o leitor a refletir essa temática a partir do relato de quem a conta o acontecido, de quem o sofre, de quem o realiza.

Ainda sobre o que reiterou Guimarães *et al* (2012), em consonância com o que foi dito anteriormente, em virtude da linguagem, muitos alunos/leitores podem não alçar às reflexões apontadas na obra, fato constatado na resistência de alguns a apreciarem os escritos do autor.

Posto isso, os quadrinhos tornam-se uma forma de entrada nesse universo literário, dada a combinação imagem-verbal que constitui este gênero. Assim sendo, ler Machado de Assis por via dos quadrinhos também é uma maneira de tornar os jovens discentes em leitores de literatura clássica. Tal perspectiva será, pois, discutida posteriormente.

5 LER MACHADO DE ASSIS POR OUTROS CAMINHOS

5.1 Era uma vez...na Rua de Matacavalos

No primeiro capítulo do romance **Dom Casmurro** (1899), o autor já deixa esclarecido o porquê da escolha do título da obra. Em uma conversa com um moço no trem, o narrador do romance recebeu esse título. Casmurro por ser uma característica dele: calado e aparentemente egoísta. E Dom foi um por uma ironia atribuída a ele. A história tem como tema central a suposta traição de Capitu. Bento Santiago, o Bentinho, faz uma retomada à sua infância na Rua de Matacavalos e conta a história de amor e das desventuras que teve com a sua amada Capitu. Esta que se tornou uma das personagens mais enigmáticas e intrigantes da literatura, pelos seus comportamentos.

Durante o romance, fica claro o relato de Bentinho, perturbado por ciúme de Capitu e Escobar, seu melhor amigo. À medida que se revela convicto do adultério, ele deixa o leitor indeciso sobre a traição da mulher dos “olhos de ressaca”, gerando, assim, mais de um século depois, polêmicas relacionadas a essa discussão. Destaca-se também na obra a religiosidade, que é uma temática muito presente nos textos de Machado. D. Glória, mãe de Bentinho, faz uma promessa, após ter perdido seu primeiro filho: se o próximo filho nascesse vivo, ele se tornaria padre. Isso fez com que Bentinho fosse para o seminário, onde conheceu Escobar. A promessa não foi cumprida como previsto, porque a vocação de Bento Santiago era mesmo o matrimônio.

Há ainda o jogo de interesses da parte de José Dias, o agregado de D. Glória, que disse uma das mais conhecidas frases do romance, atribuindo a Capitu a característica de “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”. **Dom Casmurro** sempre será um destaque da literatura brasileira e da obra machadiana pela sua majestosa construção que faz o seu leitor se encantar pelo desenrolar da história. Traiu ou não traiu?

5.2 Machado de Assis e HQs: problema e/ou solução?

A partir do material selecionado (romance e HQs), será possível realizar as análises deste trabalho. Além de um volume na versão original, foram escolhidas 3 histórias em quadrinhos da obra **Dom Casmurro**; uma da Editora **Nemo**, de Wellington Srbek, com os desenhos de José Aguiar; a outra da Editora **Principis**, de Alex Mir, Caio Majado, Michelle Rezende e Fabi Marques; e a última da Editora **Ática**, de Rodrigo Rosa e Ivan Jaf. Assim sendo, seguem as discussões.

5.2.1 Aspectos estético-estruturais de “Prima Justina”.

A primeira é da Editora **Nemo**⁵, publicada em 2021. Sob a roteirização de Wellington Srbek, com os desenhos de José Aguiar, essa HQ possui algumas peculiaridades que são importantes ser pontuadas. A capa apresenta um Bentinho já velho pensando na Capitu de seu passado, o que se pode reportar ao capítulo do romance “E bem, e o resto?”, quando o narrador diz “o resto é saber se a Capitu da Praia da Glória já estava dentro da de Matacavalos, ou se esta foi mudada naquela por efeito de algum caso incidente” (ASSIS, 2019, p. 191).

Diante disso torna-se oportuno reiterar que os criadores pensaram a capa já no momento em que o narrador-personagem resolve escrever a sua história, isto é, estando no fim da vida. Além disso, é possível identificar traços de temporalidade por meio da pena que está na mão de Bentinho, isto é, traços da sociedade da época. Capitu se mostra vermelha, literalmente, e tímida, à medida que possui um sorriso largo e gestos de espontaneidade.

Outrossim, torna-se necessário atestar que os quadros estão em preto e branco, e a narrativa gráfica é dividida em 20 partes, que representam os capítulos mais decisivos e fundamentais ao desenrolar do enredo, tais como: “Do Título”, no qual o narrador explica o porquê de a obra receber o referido nome; “Capitu”, neste Bentinho conta a sua vida com a personagem desde a infância; “Um seminarista”, quando ele vai para o seminário e conhece o amigo Escobar.

É importante ressaltar que os títulos dessas partes que dividem a narrativa foram retirados da obra original, ou seja, os autores do volume “Prima Justina” mantiveram a fidelidade nesse ponto. Quanto a isso, Becker (2008, p. 500) defende que, “ao adaptar, há aspectos da obra original que não devem ser alterados”. Apesar de o objetivo deste trabalho

⁵ Esta HQ receberá o pseudônimo “Prima Justina”.

não ser a (não) fidelidade das HQs face à versão primeira, é possível reiterar que o fato de um ou outro quesito da adaptação ser fiel ao texto fonte é um meio substancial para “pescar” o aluno/leitor a apreciar o texto/origem.

As falas do narrador estão em um balão meio circular, em letras cursivas. Já as falas dos personagens da estória no passado estão em um balão meio retangular em caixa alta. A narração da obra está dentro de quadrados em letras cursivas. Ademais, destaca-se que todas as páginas são enumeradas (ao todo 78). Quanto aos elementos complementares de leitura, há apenas uma breve apresentação concernente aos três autores (Machado de Assis, Wellington Srbek e José Aguiar), acompanhada de uma foto deles em quadrinhos.

5.2.2 Refletindo o uso de “Prima Justina” na sala de aula.

Quanto ao uso dessa HQ na sala de aula, enquanto recurso que possa levar o aluno a ler Machado, é necessário tecer alguns apontamentos. De início, torna-se significativo evidenciar a preocupação com a fidelidade dos quadrinhos com o romance. Nesse trâmite, cabe citar o capítulo I “Do Título”. Por ser narrado apenas em uma página⁶, o roteirista e o desenhista transpuseram o capítulo praticamente inteiro aos quadrinhos.

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da Lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.

— Continue, disse eu acordando.

— Já acabei, murmurou ele.

— São muito bonitos. Vi-lhe fazer um gesto para tirá-los outra vez do bolso, mas não passou do gesto; estava amuado (ASSIS, 2019, p. 9).

Nesse sentido, é perceptível que o único trecho que foi transformado em imagem é *cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim*. À vista disso, é viável salientar que, por mais que fidelidade à obra original seja interessante, a transposição quase que completa não contribui ao despertar, pois a escolha da adaptação implica que o professor buscou outro caminho, além de a linguagem permanecer a mesma. Tal assertiva, por seu turno, é ratificada por Barbosa *et al* (2022, p. 23) ao dizer que “as histórias em quadrinhos são escritas em linguagem de fácil entendimento, com muitas expressões que fazem parte do cotidiano dos

⁶ Característica de Machado de Assis: construir capítulos curtos.

leitores; [...] introduzem sempre novas palavras aos estudantes”. Assim, compreende-se que a total fidelidade não torna a HQ atraente, bem como não deixa claro a criatividade dos autores.

[...] Referência muito conhecida, e também *enviesada*, é aquela que se revela na lembrança que o narrador Bento Santiago, protagonista de *Dom Casmurro*, tivera das palavras do agregado José Dias acerca dos olhos de Capitu: “Olhos de cigana oblíqua e dissimulada” *idem, ibidem*: 843). A predicação associada aos olhos de Capitu transfere-se — como reflexo espetacular — para o estilo machadiano, um estilo não direto, o *estilo irônico da dissimulação* (GUIMARÃES *et al.*, 2012, p. 98).

Figura 2 – Recorte 1 da versão “Prima Justina”.



Por outro lado, no tocante à valorização dos trechos em que o narrador de Machado se emprega em descrever um cenário ou uma personagem, os adaptadores foram engenhosos. Um exemplo conhecido por muitos leitores de Machado é a descrição de José Dias feita aos olhos de Capitu, conforme citado acima. Na HQ “Prima Justina”, após a fala do agregado de Bentinho, há um foco (espécie de zoom) nos olhos da personagem, expressando e levando o leitor a refletir sobre os adjetivos atribuídos a ela. Ainda na esteira de Guimarães (*idem, ibidem*), isso demonstra que Srbek e Aguiar (2021) souberam fazer bom uso das características do autor do romance na referida adaptação.

– A gente do Pádua não é de todo má. Capitu, apesar daqueles olhos que o Diabo lhe deu... Você já reparou nos olhos dela? São assim de cigana oblíqua e dissimulada. Pois, apesar deles, poderia passar, se não fosse a vaidade e a adulação. Oh! a adulação! (ASSIS, 2019, p. 42).

Em face dessa discussão, é necessário salientar que a ironia é uma das principais características de Machado de Assis. Essa figura de linguagem inerente a um humor sarcástico é sempre presente nos textos do escritor realista, que, em sua maioria, por meio de seus narradores, faz uso desse fenômeno linguístico no intuito de realizar alguma crítica. Nesse prisma, cabe ainda reportar ao trecho em que José Dias adjetiva os olhos da amada de Bentinho. De acordo com Guimarães *et al* (2012), a dissimulação refere-se a uma atitude duvidosa na qual o interlocutor precisa estar atento aos atos do sujeito citado, isto é, o possível indivíduo dissimulado.

A palavra nomeava especificamente a estratégia dialógica de Sócrates: propondo, frente a seu interlocutor, interrogações sucessivas, numa atitude dissimulada, enganosa, daquele que nada sabe, ou seja, construindo um *ethos* enunciador como *sujeito suposto do não saber*, Sócrates lançava um olhar de desconfiança para as verdades cristalizadas na linguagem, a fim de minar as certezas do interlocutor [...] (GUIMARÃES, 2012, p. 100).

Ao analisar esse trecho na HQ, é perceptível a forma como os adaptadores criaram a “pulga atrás da orelha” de Bentinho, de modo que este ficasse reflexivo e, no próximo encontro, com a jovem dos “olhos de ressaca”, pudesse admirá-la, encará-la e deixar às claras as suas dúvidas acerca daquele olhar hipnotizante e sedutor.

–Juro. Deixe ver os olhos, Capitu.
Tinha-me lembrado a definição que José Dias dera deles, "olhos de cigana oblíqua e dissimulada." Eu não sabia o que era oblíqua, mas dissimulada sabia, e queria ver se podiam chamar assim. Capitu deixou-se fitar e examinar. Só me perguntava o que era, se nunca os vira, eu nada achei extraordinário; a cor e a doçura eram minhas conhecidas. A demora da contemplação creio que lhe deu outra idéia do meu intento; imaginou que era um pretexto para mirá-los mais de perto, com os meus

olhos longos, constantes, enfiados neles, e a isto atribuo que entrassem a ficar crescidos, crescidos e sombrios, com tal expressão que...

Retórica dos namorados, dá-me uma comparação exata e poética para dizer o que foram aqueles olhos de Capitu. Não me acode imagem capaz de dizer, sem quebra da dignidade do estilo, o que eles foram e me fizeram. Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá ideia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros, mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me (ASSIS, 2019, p. 53-54).

Figura 3 – Recorte 2 da versão “Prima Justina



20

Em contrapartida, torna-se substancial refletir acerca da maneira como Srbek e Aguiar (2021) construíram essa parte do romance na HQ. Isso porque os vocábulos “dissimulada”, “oblíqua” e “ressaca” (este no que diz respeito à metáfora utilizada na obra) não foram explicitados na versão “Prima Justina”, como será visto na versão “Sancha” (Ed. Ática), adiante, que optou por representar nas imagens esses conceitos, por exemplo, a fim de que o leitor consiga realizar a correlação dos significados das palavras face aos seus sentidos na leitura da adaptação.

Por serem veiculadas no mundo inteiro, as revistas de histórias em quadrinhos trazem normalmente temáticas que têm condições de ser compreendidas por qualquer estudante, sem necessidade de um conhecimento anterior específico ou familiaridade com o tema, seja ela devida a antecedentes culturais, étnicos, linguísticos ou sociais (BARBOSA *et al*, 2022, p. 24).

Desse modo, ressalta-se que os autores falharam em alguns trechos da HQ no que concerne à criatividade e à qualidade visual do material, em razão da não exploração dos recursos que o gênero quadrinhos permite, isto é, a criação dos desenhos a partir dos detalhes encontrados na obra, principalmente, na de Machado que é repleta de descrições.

Outrossim, é fundamental discutir a forma como o desenhista e o roteirista retratam uma das principais partes da estória: o personagem Ezequiel. Na obra, o Bruxo do Cosme Velho deixou a dúvida que, passados 113 anos, ainda perdura entre os leitores e/ou críticos do romance. Por sua vez, os adaptadores da versão “Prima Justina” decidiram por reproduzir o menino Ezequiel tal qual a figura de Escobar, implicando, assim, que Capitu possa ter traído o marido. À vista disso, se o professor levar essa adaptação à sala de aula, o aluno/leitor, ao realizar a leitura, vai deduzir que a personagem cometeu adultério. Será possível resolver um dilema literário de um século em apenas uma leitura?!

Figura 4 – Recorte 3 da versão “Prima Justina”.

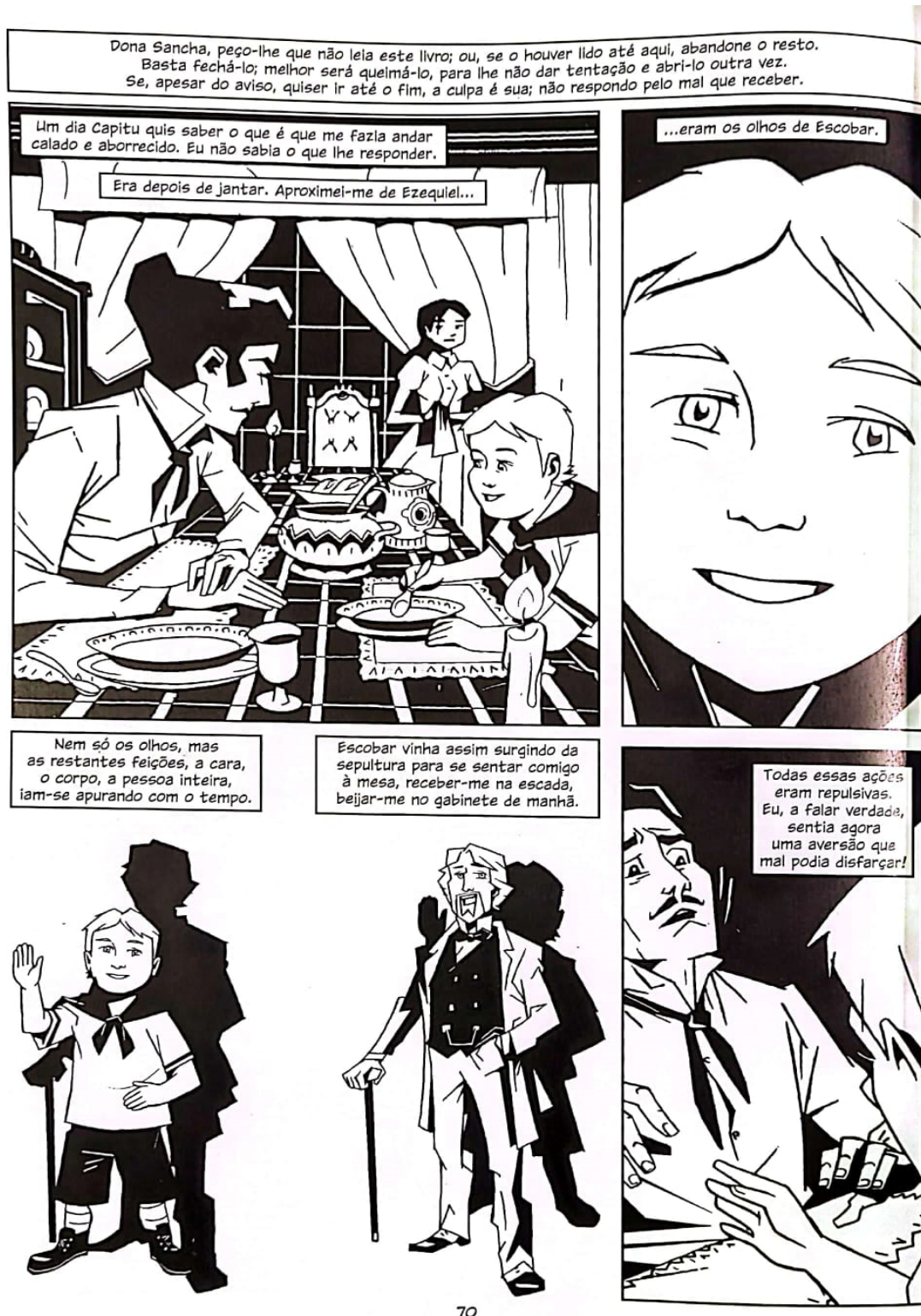


Nem só os olhos, mas as restantes feições, a cara, o corpo, a pessoa inteira, iam-se apurando com o tempo. Eram como um debuxo primitivo que o artista vai enchendo e colorindo aos poucos, e a figura entra a ver, sorrir, palpitar, falar quase, até que a família pêndula o quadro na parede, em memória do que foi e já não pode ser. Aqui podia ser e era. O costume valeu muito contra o efeito da mudança; mas a mudança fez-se, não à maneira de teatro, fez-se como a manhã que aponta vagarosa, primeiro que se possa ler uma carta, depois lê-se a carta na rua, em casa, no gabinete, sem abrir as janelas; a luz coada pelas persianas basta a distinguir as letras. [...]

Escobar vinha assim surgindo da sepultura, do seminário e do Flamengo para se sentar comigo à mesa, receber-me na escada, beijar-me no gabinete de manhã, ou pedir-me à noite a bênção do costume. Todas essas ações eram repulsivas; eu tolerava-as e praticava-as, para me não descobrir a mim mesmo e ao mundo. [...]

[...] Ezequiel entrava turbulento, expansivo, cheio de riso e de amor, porque o demo do pequeno cada vez morria mais por mim. Eu, a falar verdade, sentia agora uma aversão que mal podia disfarçar, tanto a ela como aos outros. Não podendo encobrir inteiramente esta disposição moral, cuidava de me não fazer encontradiço com ele, ou só o menos que pudesse; ora tinha trabalho que me obrigava a fechar o gabinete, ora saía ao domingo para ir passear pela cidade e arrabaldes o meu mal secreto [...] (ASSIS, 2019, p. 174-176).

Figura 5 – Recorte 4 da versão “Prima Justina”.



Fonte: Srbek (2021, p. 70), elaborado pelo autor.

Os trechos das páginas 174-176 são os parágrafos em que aparecem os três últimos retângulos narrados na figura 5. Foi realizado esse recorte em virtude de o foco desta

abordagem ser como os autores da versão “Prima Justina” abordam a figura de Ezequiel, criando-o à imagem e semelhança de Escobar. Isso posto, o que discute Barbosa *et al* (2022) sobre os planos e ângulos de visão dos quadrinhos vai ao encontro desse dilema, pois o artista precisa pensar e analisar bem a ação que vai transmitir para que não deturpe uma ideia da versão original, principalmente, quando se trata de dúvidas deixadas pelo autor.

Ainda sobre a construção do personagem Ezequiel, os adaptadores repetiram o mesmo equívoco retratado anteriormente, só que de uma maneira mais intensiva; ao transporem uma parte do capítulo CXLV “O Regresso”, realizaram uma espécie de *ctrl c + ctrl v*, visto que o filho de Capitu já adulto, ao retornar das viagens pelo mundo, é figurado à mesma imagem de Escobar.

Ora, foi já nesta casa que um dia, estando a vestir-me para almoçar, recebi um cartão com este nome:

Ezequiel A. de Santiago

— A pessoa está aí? perguntei ao criado.

— Sim, senhor; ficou esperando.

Não fui logo, logo; fi-lo esperar uns dez ou quinze minutos na sala. Só depois é que me lembrou que cumpria ter certo alvoroço e correr, abraçá-lo, falar-lhe na mãe. A mãe, — creio que ainda não disse que estava morta e enterrada. Estava; lá repousa na velha Suíça. Acabei de vestir-me às pressas. Quando saí do quarto, tomei ares de pai, um pai entre manso e crespo, metade Dom Casmurro. Ao entrar na sala, dei com um rapaz, de costas, mirando o busto de Massinissa, pintado na parede. Vim cauteloso, e não fiz rumor. Não obstante, ouviu-me os passos, e voltou-se depressa. Conhece-me pelos retratos e correu para mim. Não me mexi; era nem mais nem menos o meu antigo e jovem companheiro do seminário de São José, um pouco mais baixo, menos cheio de corpo e, salvo as cores, que eram vivas, o mesmo rosto do meu amigo. Trajava à moderna, naturalmente, e as maneiras eram diferentes, mas o aspecto geral reproduzia a pessoa morta. Era o próprio, o exato, o verdadeiro Escobar. Era o meu comborço; era o filho de seu pai. Vestia de luto pela mãe; eu também estava de preto. Sentamo-nos (ASSIS, 2019, p. 187).

Figura 6 – Recorte 5 da versão “Prima Justina”.



Nessa conjuntura, pode-se reiterar que os criadores dessa HQ não souberam construí-la de uma maneira que não fugissem à abordagem inicial da obra. Além disso, no que se refere à linguagem, “Prima Justina” não possui muitas contribuições, pois mais uma vez eles recortaram trechos e transpuseram com a mesma linguagem rebuscada de Machado na adaptação. Isso, por outro viés, deveria ser pensado, visto que as HQs têm como característica a linguagem acessível ao aluno/leitor.

5.2.3 Aspectos estético-estruturais de “Dona Glória”.

A segunda HQ selecionada é da Editora **Principis**⁷, publicada em 2019. Com a roteirização e desenhos de Alex Mir, Caio Majado, Michelle Rezende e Fabi Marques, essa versão de **Dom Casmurro** é constituída de aspectos que merecem ser discutidos. A começar pela capa, os autores criaram um Bentinho de cabelos encaracolados, com um rosto de homem autoritário; ao passo que Capitu mostra-se submissa ao marido. Ao fundo está Escobar, olhando os amigos. É possível identificar um aspecto de temporalidade por intermédio das bordas de dois espelhos que estão nos cantos da imagem.

Para Barbosa *et al* (2022, p. 53), “elementos também importantes para caracterização dos personagens e compreensão da mensagem das histórias em quadrinhos são suas expressões corporais e faciais, que muito influenciam a compreensão de seu estado de espírito.” Apresentar o casal, na capa dessa adaptação, da maneira como fizeram os adaptadores, foi um erro. Isso pode ser explicado partindo do ponto de vista de que o discente em formação leitora, ao se deparar com essa HQ, pode ter implicações equivocadas, como a de que a mulher esteve sob às ordens do marido, controlando-a, sendo possessivo e rude, além de desconfiar da traição.

No que se refere ao entorno da estória, as legendas que, de acordo com Barbosa *et al* (2022), compõem a narração, nesta HQ, estão dentro de quadrados e retângulos, ao passo que as falas dos personagens estão em balões no formato semicírculos. Ademais, diferente da versão “Prima Justina”, esta adaptação não é dividida em partes, nem possui os quadros em preto e branco. Em contrapartida, no que diz respeito à fidelidade, esta versão supera a anterior. Não há alterações significativas nas palavras. O que se observa é que o aspecto verbal é mais expressivo que o visual, denotando um excesso de textos. Mais uma vez destoando das características do gênero quadrinhos, ou seja, da adequação da linguagem.

⁷ Esta HQ receberá o pseudônimo “Dona Glória”.

Faz-se fundamental discutir acerca das imagens e das ilustrações que permeiam a HQ “Dona Glória”. Isso porque, segundo Barbosa *et al* (*idem*, p. 32), “a imagem desenhada é o elemento básico das histórias em quadrinhos”. Entretanto, os desenhos propostos neste material são dotados de exageros desnecessários e acabamentos malfeitos, o que acaba desvalorizando o trabalho e, conseqüentemente, a obra.

Figura 7 – Recorte 1 da versão “Dona Glória”.

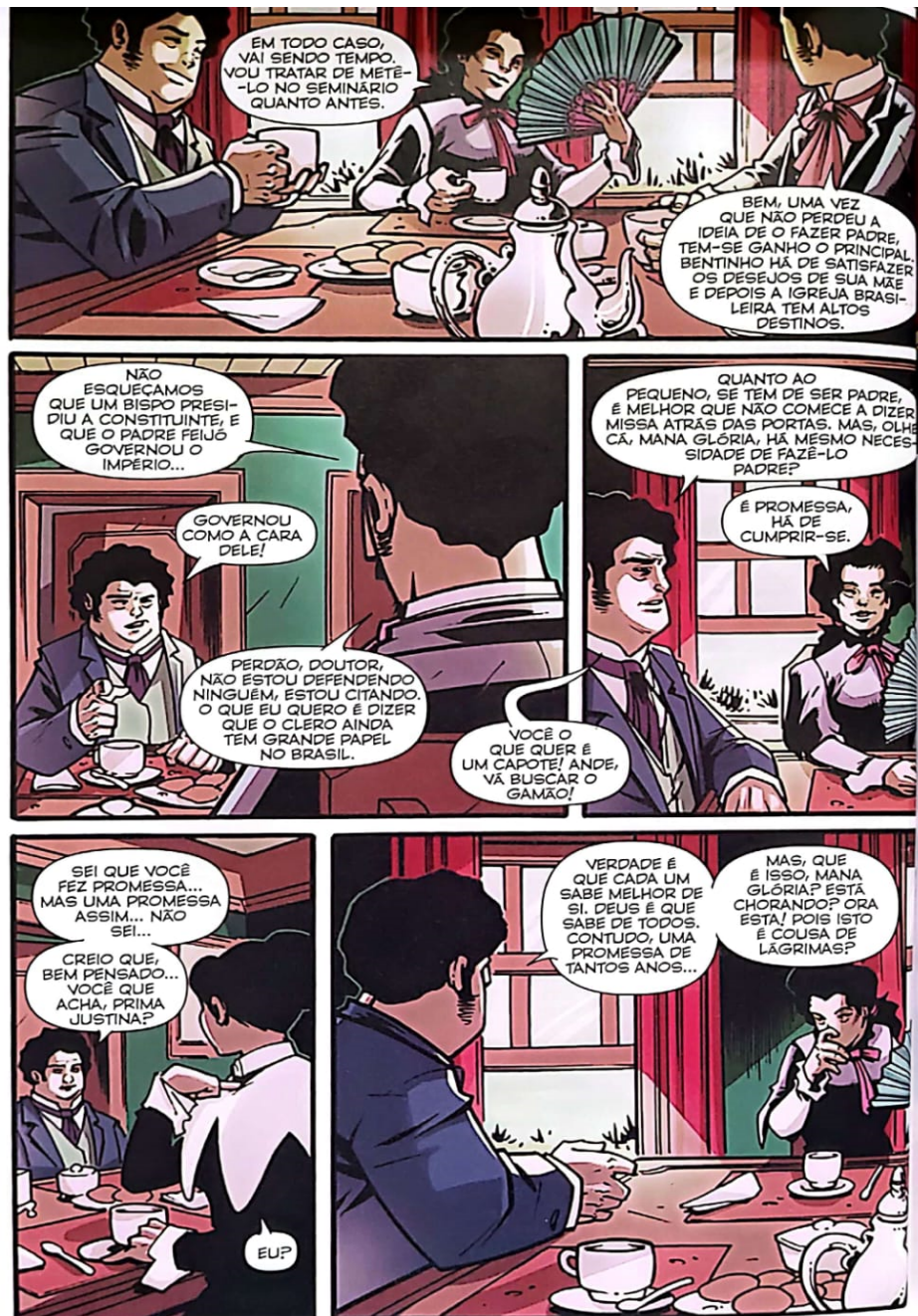


Figura 8 – Recorte 2 da versão “Dona Glória”.



Fonte: Assis (2019, p. 36), elaborado pelo autor.

Ao observar as figuras 7 e 8, é possível perceber o quanto os autores estavam desprovidos de zelo na criação da HQ. À vista dessa problemática, torna-se viável reportar ao que disse Lima (2012) acerca do viés econômico e do caráter de qualidade de uma adaptação

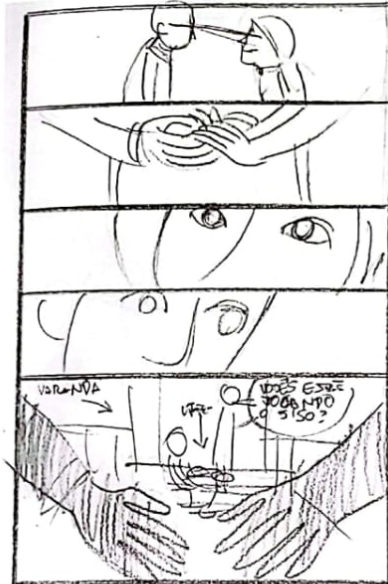
em quadrinhos, porque, devido ao aumento na procura de textos nesse gênero, as propostas, financeiramente, também subiram. Isso, então, fez com que muitos autores, pensando nos fins lucrativos, deixassem em segundo plano a preocupação com a qualidade do material e se debruçassem em somente produzir, como no caso desta HQ de **Dom Casmurro**.

Mir, Majado, Rezende e Marques (2019) investiram nos elementos complementares. Estão presentes uma caricatura de Machado de Assis, seguida de um breve resumo de sua vida e obra. Um contexto histórico em que se passou o romance é apresentado; após, vem a figura dos personagens com um comentário acerca do papel na narrativa. Posteriormente, os autores tecem comentários sobre **Dom Casmurro** e a influência da obra, tanto na Literatura, bem como na vida do autor. Seguidos do *making of* de como criaram os quadros, fala-se rapidamente de cada adaptador. Logo, percebe-se que foi pensado nos elementos que podem contribuir ao conhecimento de questões relacionadas ao texto machadiano. Isso é algo interessante, principalmente, no que concerne à criação desta HQ, conforme abaixo.

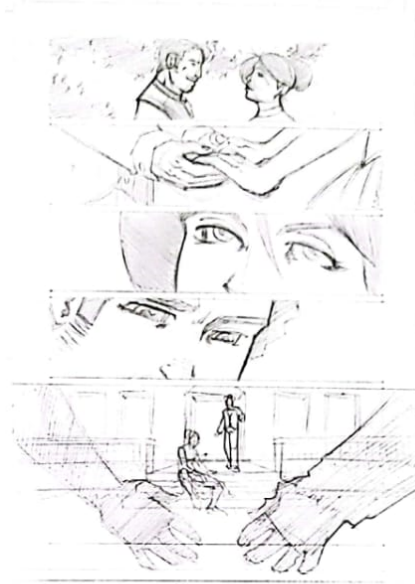
Figura 9 – Recorte 3 da versão “Dona Glória”.

MAKING OF

A história em quadrinhos deste volume foi realizada em 4 etapas:



1– O roteiro foi escrito, rascunhado, adaptando o texto da peça original.



2– As páginas foram desenhadas a lápis.



3– Depois foram arte-finalizadas a traço.



4– A colorização digital acontece na última etapa, junto com o letreiramento.

5.2.4 Refletindo o uso de “Dona Glória” na sala de aula

Partindo para o uso dessa história em quadrinhos na sala de aula, torna-se essencial refletir. A priori, para Eisner (1995, p. 41), “a criação do quadrinho começa com a seleção dos elementos necessários à narração, a escolha da perspectiva a partir da qual se permitirá que o leitor os veja e a definição da porção de cada símbolo ou elemento a ser incluído.” Nesse sentido, a adaptação “Dona Glória”, apesar de seus imbróglis estruturais, foi construída a partir da delimitação de elementos fundamentais ao conhecimento da obra (um ponto positivo), como no capítulo XXVI “As leis são belas”, no qual Bentinho e o agregado, José Dias, conversam sobre o protagonista não ir para o seminário.

Pela cara de José Dias passou algo parecido com o reflexo de uma ideia, – uma ideia que o alegrou extraordinariamente. Calou-se alguns instantes; eu tinha os olhos nele, ele voltara os seus para o lado da barra. Como insistisse:

– É tarde, disse ele; mas, para lhe provar que não há falta de vontade, irei falar a sua mãe. Não prometo vencer, mas lutar; trabalharei com alma. Deveras, não quer ser padre? As leis são belas, meu querido...Pode ir a São Paulo, a Pernambuco, ou ainda mais longe. Há boas universidades por esse mundo fora. Vá para as leis, se tal é a sua vocação. Vou falar a Dona Glória, mas não conte só comigo; fale também a seu tio.

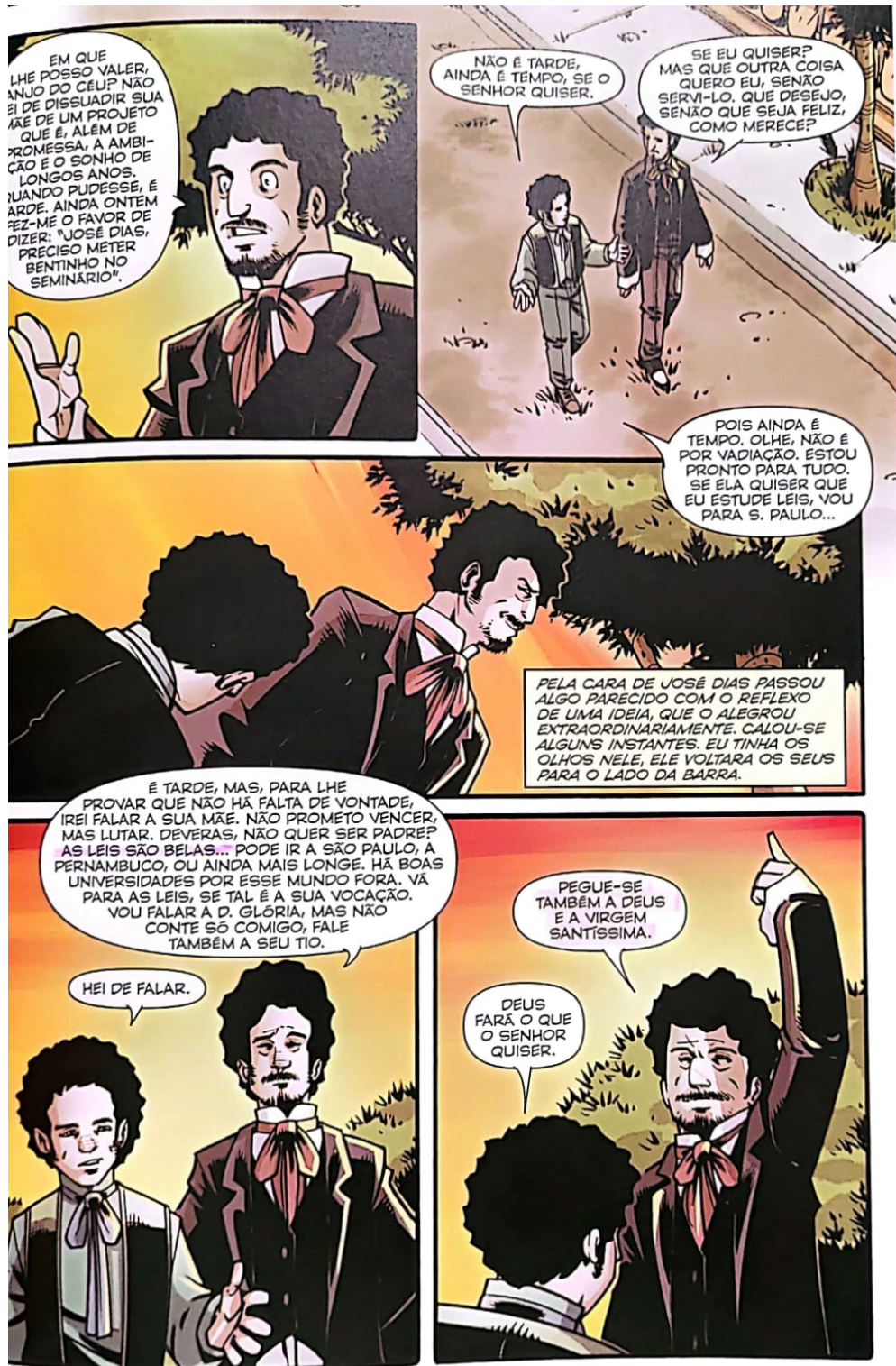
– Hei de falar.

– Pegue-se também com Deus, – com Deus e a Virgem Santíssima, concluiu apontando para o céu.

O céu estava meio enfarruscado. No ar, perto da praia, grandes pássaros negros faziam giros, avoaçando ou pairando, e desciam a roçar os pés, na água, e tornavam a erguer-se para descer novamente. Mas nem as sombras do céu, nem as danças fantásticas dos pássaros me desviavam o espírito do meu interlocutor. Depois de lhe responder que sim, emendei-me:

– Deus fará o que o senhor quiser (ASSIS, 2019, p. 44-45).

Figura 10 – Recorte 4 da versão “Dona Glória”.



25

Fonte: Assis (2019, p. 25), elaborado pelo autor.

No entanto, pela imagem, é possível compreender o quão fiéis ao texto original os autores foram, excluindo apenas os verbos que representam a presença do discurso direto, a

saber, “disse ele”, “concluiu apontando para o céu”. Além disso, os poucos gestos e movimentos representam que o aspecto visual não foi abordado como deveria. Por falar em visual, é indispensável ressaltar que a qualidade estética dessa HQ não se apresenta em consonância ao que pede o gênero. Isso se explica porque “a execução de cada quadrinho implica o desenho, a composição, além do seu alcance narrativo. Boa parte disso se faz com a emoção ou intuição incorporadas no ‘estilo’ do artista” (EISNER, *idem, idem*).

Perante tal assertiva, uma justificativa para esse dilema está pautado na ausência de competência adaptativa dos autores. Em consequência, a questão de o discente/aluno não apreciar Machado de Assis por causa do linguajar rebuscado não alcança uma solução plausível, visto que os adaptadores de “Dona Glória” não adequaram as falas e legendas ao gênero em questão. Desse modo, o desejo de se propagar a Literatura por intermédio dos quadrinhos continua no campo da utopia.

O ensino de literatura vê se romperem os canais de comunicação entre o patrimônio cultural e o público estudantil, cuja rejeição traduz-se na não leitura e na preferência por outros meios de expressão (ZILBERMAN, 2012, p. 206).

Um leitor em formação precisa se sentir atraído pelo texto a ele apresentado, seja pelas temáticas abordadas, seja pelos discursos presentes nesse escrito. Caso contrário, o único sentimento alçado é o de repulsa à leitura literária. Essa discussão justifica-se pela defesa de que uma HQ que não demonstra criatividade e qualidade visual (aspectos fundamentais que, possivelmente, “pescariam” o aluno/leitor) não deve ser levada à classe escolar.

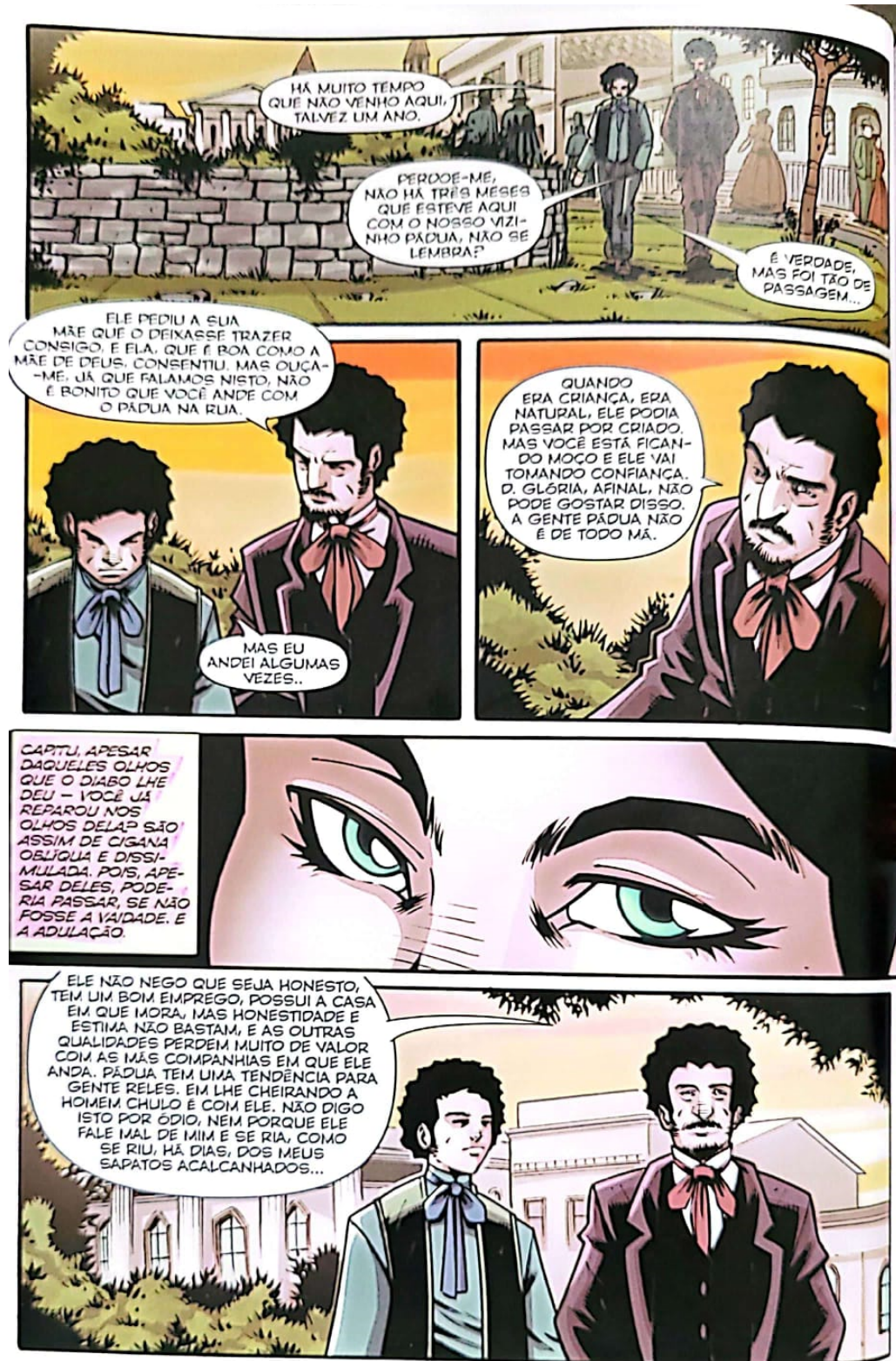
Seguindo o curso da análise desta adaptação de **Dom Casmurro**, é cabível argumentar acerca das características do autor presente na HQ. Isso posto, o uso de metáforas é recorrente nos textos de Machado, além de outras figuras de linguagem, como metonímia e, sobretudo, ironia. Porém, ao refletir acerca dos olhos de Capitu, é perceptível a presença metafórica, causando efeito irônico. Assim como citado anteriormente, José Dias refere-se ao olhar da amada de Bentinho como sendo de “cigana oblíqua e dissimulada”, e, posteriormente, o protagonista diz estar mergulhado nos mesmos “olhos de ressaca”.

A metáfora, [...], é uma figura de linguagem cujo princípio repousa numa relação de analogia (semelhança) entre o sentido de dois termos, [...], que estabelece relação de proximidade entre os termos. Na metáfora, traços semânticos usualmente atribuídos ao termo *a* são transferidos ao termo *b* (GUIMARÃES *et al*, 2012, p. 108-109).

Consoante ao pensamento dos autores, é importante atestar que uma metáfora bem construída gera conhecimento, em virtude da relação de sentido estabelecida entre os termos que a constituem. E quando essa questão é inerente aos quadrinhos é possível atestar que há mais um item que passa a contribuir para a compreensão do aluno/leitor: o aspecto visual.

Logo, o que resta saber é se a HQ “Dona Glória” atende a essas demandas. “Capitu, apesar daqueles olhos que o diabo lhe deu... Você já reparou nos olhos dela? São assim de cigana oblíqua e dissimulada. Pois, apesar deles, poderia passar, se não fosse a vaidade e a adulação. Oh! A adulação!” (ASSIS, 2019, p. 42).

Figura 11 – Recorte 5 da versão “Dona Glória”.



Em face disso, é relevante atestar que os criadores desta HQ desenharam essa parte da narrativa semelhante aos da anterior, ou seja, fixaram o quadro nos olhos da personagem, a fim de dar ênfase a essa passagem machadiana. Por outro lado, a metáfora desenvolvida nesse trecho da obra está apenas no âmbito verbal, no visual isso não aparece. Isso se dá pelo fato de a HQ não apresentar nenhum conceito ou imagem concernente ao que seja “oblíqua” e “dissimulado”. Desse modo, o leitor em formação, não conhecendo esses vocábulos, estará impossibilitado de associar os conceitos linguísticos às atitudes da personagem. Esse dilema também se repete no trecho sobre “os olhos de ressaca”. É preciso pensar: o aluno/leitor já foi ao mar? Sabe como se constitui essa ressaca do mar? Como associar essa questão ao olhar a esse fenômeno marítimo?

–Juro. Deixe ver os olhos, Capitu.

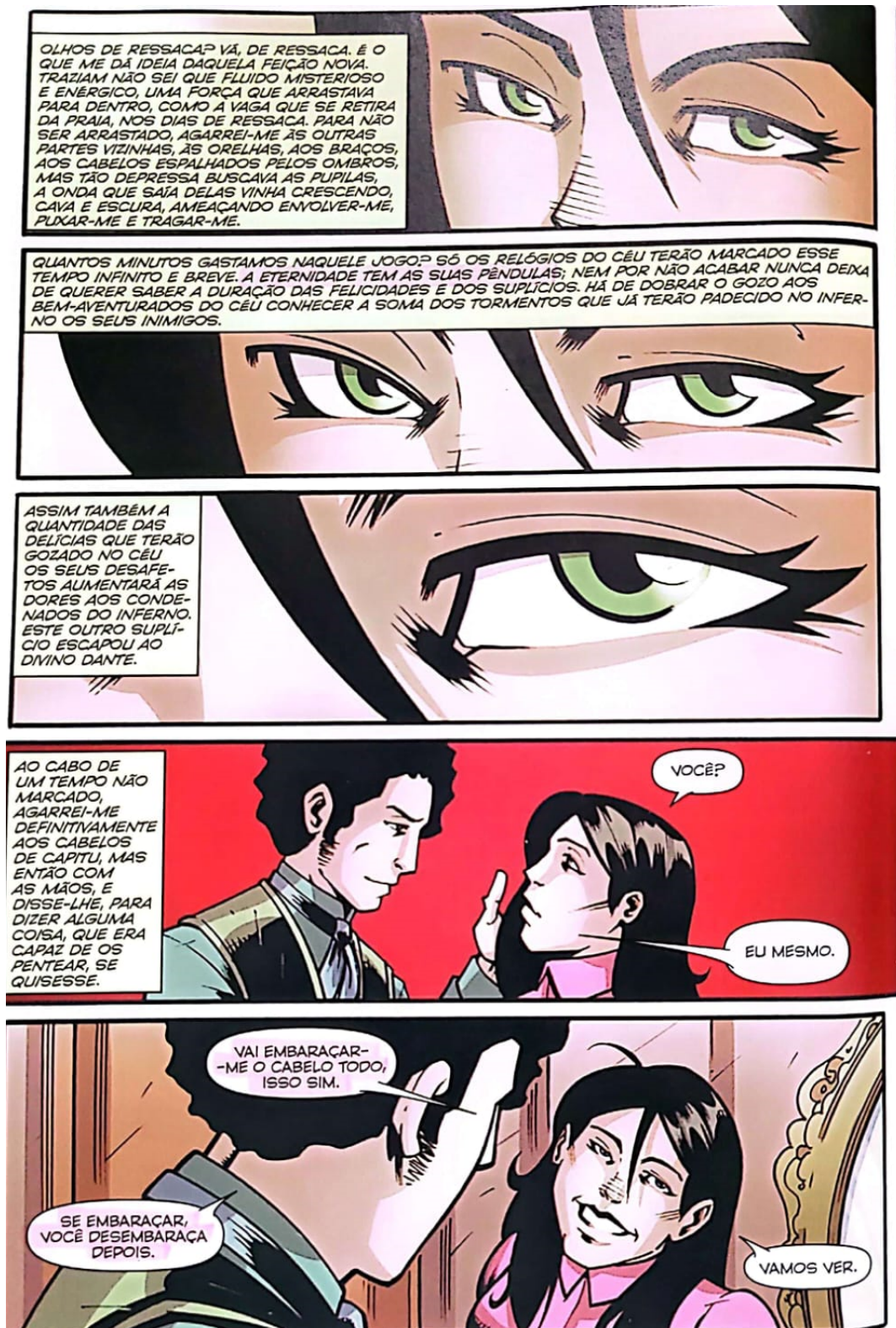
Tinha-me lembrado a definição que José Dias dera deles, "olhos de cigana oblíqua e dissimulada." Eu não sabia o que era oblíqua, mas dissimulada sabia, e queria ver se podiam chamar assim. Capitu deixou-se fitar e examinar. Só me perguntava o que era, se nunca os vira, eu nada achei extraordinário; a cor e a doçura eram minhas conhecidas. A demora da contemplação creio que lhe deu outra ideia do meu intento; imaginou que era um pretexto para mirá-los mais de perto, com os meus olhos longos, constantes, enfiados neles, e a isto atribuo que entrassem a ficar crescidos, crescidos e sombrios, com tal expressão que...

Retórica dos namorados, dá-me uma comparação exata e poética para dizer o que foram aqueles olhos de Capitu. Não me acode imagem capaz de dizer, sem quebra da dignidade do estilo, o que eles foram e me fizeram. Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá ideia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros, mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me (ASSIS, 2019, p. 53-54).

Essa problemática vai de encontro ao que diz Barbosa *et al* (2022, p. 22), ao apontar que “cada história em quadrinhos oferece um variado leque de informações passíveis de serem discutidas em sala de aula, dependendo apenas do interesse do professor e dos alunos”. O docente fica incapacitado de, por meio das peculiaridades metafóricas, incentivar o aluno a ler, usando uma HQ pautada na referida construção. Se o gênero oportuniza caminhos de proporcionar o conhecimento, através da leitura, é preciso que se saiba usá-los na criação de adaptações.

[...] Os estudantes, pela leitura de quadrinhos, são constantemente instados a exercitar o seu pensamento, complementando em sua mente os momentos que não foram expressos graficamente, dessa forma desenvolvendo o pensamento lógico. (BARBOSA *et al*, *idem*, *idem*).

Figura 12 – Recorte 6 da versão “Dona Glória”.



Na linha de pensamento desses autores, é viável estabelecer uma relação com a figura do personagem Ezequiel, isto é, como os autores desta HQ fizeram para tentar manter o suspense da obra original, de modo o discente/leitor, ao apreciar a adaptação, queira ir buscar mais informações acerca do caso no texto fonte. Se uma HQ não desperta o pensamento crítico-reflexivo do público estudantil em formação leitora do Ensino Médio alguma “pedra no meio do caminho” há.

Apalpei José Dias sobre as maneiras novas de minha mãe; ficou espantado. Não havia nada, nem podia haver coisa nenhuma, tantos eram os louvores incessantes que ele ouvia "à bela e virtuosa Capitu."

– Agora, quando os ouço, entro também no coro, mas a princípio ficava envergonhadíssimo. Para quem chegou, como eu, a arrenegar deste casamento, era duro confessar que ele foi uma verdadeira bênção do céu. Que digna senhora nos saiu a criança travessa de Mata-cavalos. O pai é que nos separou um pouco, enquanto não nos conhecíamos, mas tudo acabou em bem. Pois, sim, senhor, quando D. Glória elogia a sua nora e comadre...

– Então mamãe?...

– Perfeitamente!

– Mas, por que é que não nos visita há tanto tempo?

– Creio que tem andado mais achacada dos seus reumatismos. Este ano tem feito muito frio... Imagine a aflição dela, que andava o dia inteiro; agora é obrigada a estar quieta, ao pé do irmão, que lá tem o seu mal...

Quis observar-lhe que tal razão explicava a interrupção das visitas, e não a frieza quando íamos nós a Mata-cavalos; mas não estendi tão longe a intimidade do agregado. José Dias pediu para ver o nosso "profetazinho" (assim chamava a Ezequiel) e fez-lhe as festas do costume. Desta vez falou ao modo bíblico (estivera na véspera a folhear o livro de Ezequiel, como soube depois) e perguntava-lhe: "Como vai isso, filho do homem?" "Dize-me, filho do homem, onde estão os teus brinquedos?" "Queres comer doce, filho do homem?"

– Que filho do homem é esse? perguntou-lhe Capitu agastada.

– São os modos de dizer da Bíblia.

– Pois eu não gosto deles, replicou ela com aspereza.

– Tem razão, Capitu, concordou o agregado. Você não imagina como a Bíblia é cheia de expressões cruas e grosseiras. Eu falava assim para variar... Tu como vais, meu anjo? Meu anjo, como é que eu ando na rua? (ASSIS, 2019, p. 159-160).

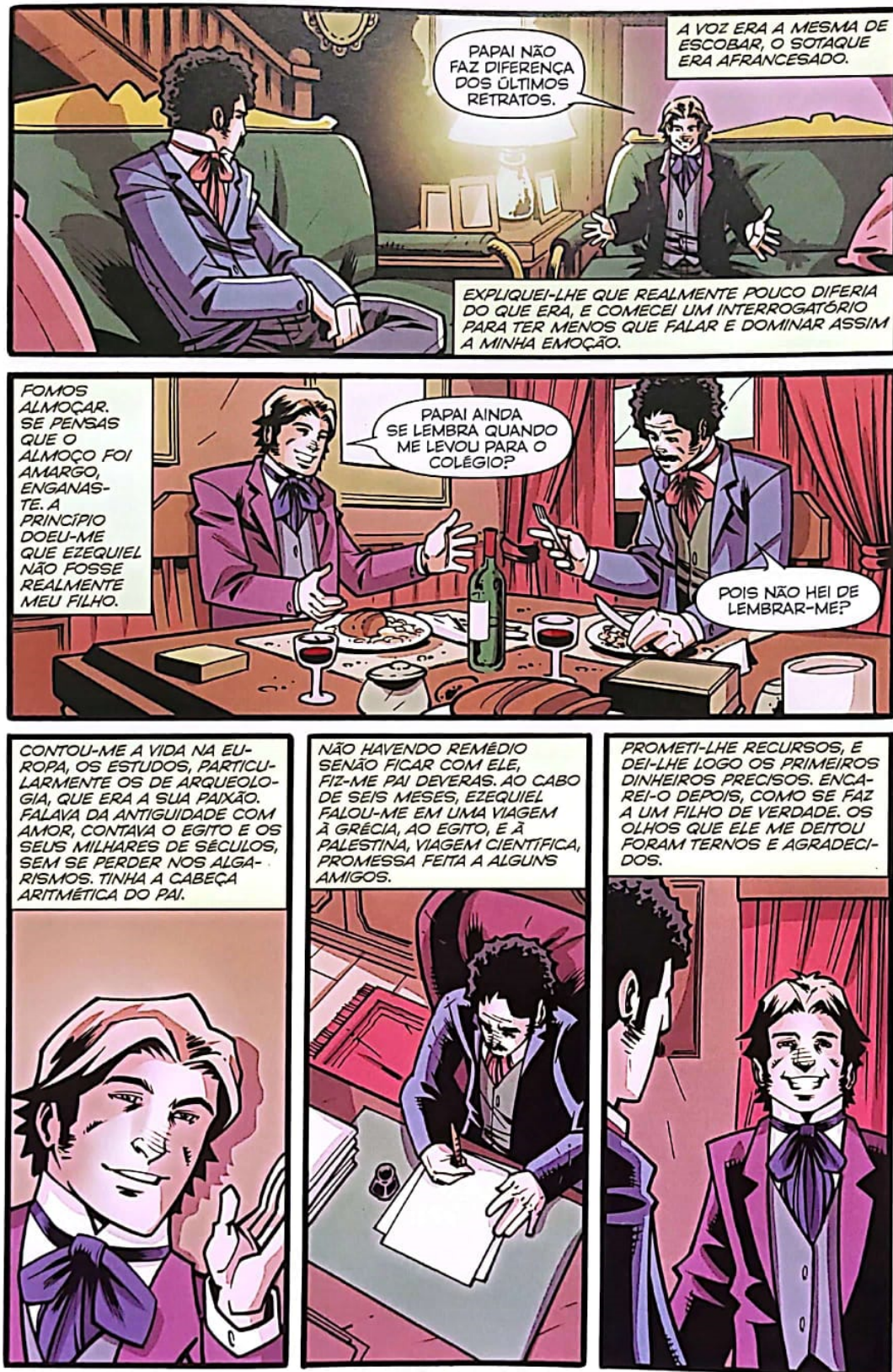
Figura 13 – Recorte 7 da versão “Dona Glória”.



Figura 14 – Recorte 8 da versão “Dona Glória”.



Figura 15 – Recorte 9 da versão “Dona Glória”.



Ao observar as figuras 13, 14 e 15, em que Escobar aparece na primeira, Ezequiel criança na segunda e; na terceira, este já adulto, mais o trecho do capítulo CXVI “Filho do homem”, é de suma importância reiterar que Mir, Majado, Rezende e Marques (2019) não mantiveram a dúvida implantada por Machado, ou seja, criaram o personagem Ezequiel tal qual Escobar, induzindo, dessa maneira, que Capitu cometeu adultério. Ademais, tal asserção é comprovada com o comportamento da personagem no último quadro da página 55, em que ela fala “que filho do homem é esse?” e, em seguida, “pois eu não gosto deles!”. A posição como foi desenhada denota que ela está suspeitando que marido desconfia da traição.

Diante disso, ao se deparar com situações semelhantes a essa em HQs, Becker (2008, p. 498) acentua que “elas não buscaram força interpretativa, ou seja, simplesmente ilustraram uma cena, sem, por meio da imagem, criar significações”. É como se o objetivo dos criadores fosse apenas reproduzir o texto em outro gênero. E assim, mais uma vez, é possível reportar o que apregoou Barbosa *et al* (2022) em relação aos planos e ângulos de visão dos quadrinhos, porque é preciso, antes de realizar o making of, pensar na ação que será reproduzida e no significado que o leitor alcançará.

5.2.5 Aspectos estético-estruturais de “Sancha”.

A terceira e última adaptação selecionada é da Editora **Ática**⁸, publicada em 2012. Com o roteiro de Ivan Jaf e a arte de Rodrigo Rosa, essa história em quadrinhos de **Dom Casmurro** é composta por aspectos cuja discussão é fundamental. A capa foi construída a partir do instante em que Bentinho junta as suas anotações para relatar sua história de vida. Velho, pensando nos olhos de sua amada, uma referência ao que disse José Dias. Abaixo está o mar recebendo as páginas escritas, como se elas fossem contar o Bentinho do presente à Capitu da Rua de Matacavalos. Essas folhas ressaltam, ainda, o lapso de temporalidade.

Antes de darem início à narrativa gráfica, os autores trazem uma espécie de prefácio, intitulado “Mistérios da Alma”, dentro de um balão, no intuito de situar o leitor na obra. Aqui, eles afirmam que “por vezes, você acreditará que esses fragmentos de recordações são suficientes para desvendar o grande enigma que assombra o nosso narrador, explicando-lhe o sofrimento (“injustamente” arquitetado por aqueles que ele mais amava).”⁹ E acrescentam que “por outras, eles se revelarão apenas provas forjadas de um adultério que talvez nunca tenha

⁸ Esta receberá o pseudônimo “Sancha”.

⁹ Palavras retiradas do balão “Os Mistérios da Alma” (JAF, 2012).

sido cometido, mas irremediavelmente julgado.”¹⁰ À vista disso, já se faz possível perceber que o suspense está lançado ao aluno/leitor da HQ.

No que concerne ao desenvolvimento da estória, as legendas estão localizadas de maneiras vastas; em algumas partes, estão fora dos quadros; em outras, aparecem dentro de quadros com letras em caixa alta no formato itálico. As falas dos personagens estão em balões de diferentes cores, a depender da construção da página. Quanto à fidelidade textual, os adaptadores não se apegam à rebuscagem, como visto nas HQs acima, eles se pautam na praticidade e simplicidade do texto, conforme está abaixo.

Vivo só, com um criado. A casa em que moro é própria; fi-la construir de propósito, levado de um desejo tão particular que me vexa imprimi-lo, mas vá lá. Um dia, há bastantes anos, lembrou-me reproduzir no Engenho Novo a casa em que me criei na antiga Rua de Matacavalos, dando-lhe o mesmo aspecto e economia daquela outra, que desapareceu (ASSIS, 2019, p. 10).

¹⁰ Palavras retiradas do balão “Os Mistérios da Alma” (JAF, 2012).

Figura 16 – Recorte 1 da versão “Sancha”.



Nesse sentido, fica claro que os criadores de “Sancha” preocuparam-se com os aspectos visuais, de modo a cumprir as características dos quadrinhos com êxito. Além disso, eles investiram bastante nos desenhos, deixando fluir a criatividade. E por não se limitarem ao espaço e tempo é que, facilmente, se pode encontrar a presença do “timing”. Nesse viés, Eisner (1995), discute esse elemento quadrinista como:

Fenômeno da duração e da sua vivência – comumente designado como ‘tempo’ (*time*) – é uma dimensão essencial da arte sequencial. No universo da consciência humana, o tempo se combina com o espaço e o som numa composição de interdependência, na qual as concepções, ações, movimentos e deslocamentos possuem significado e são medidos através da percepção que temos da relação entre eles (EISNER, 1995, p. 25).

Figura 17 – Recorte 2 da versão “Sancha”.



Fonte: Jaf (2012, p. 10), elaborado pelo autor.

Figura 18 – Recorte 3 da versão “Sancha”.



Nessa perspectiva, é válido salientar que o “timing” contribui na leitura dos quadrinhos. Em vista disso, a cena levará o leitor a associar, mesmo que involuntariamente, que o tempo no qual os personagens vivem a cena e o espaço em que estão inseridos vai além de um só quadro, o que, por sua vez, fica bem mais compreendido nos trechos que narram movimentos e ações dos personagens. Também, uma leitura mais livre que se conecta sem interrupções estruturais pode atrair o aluno/leitor a querer apreciar “só mais essa” e, assim, fluir nessa prática literária.

Figura 19 – Representação de “Tempo” e “Timing” nos quadrinhos.



Fonte: Eisner (1995, p. 25).

Jaf e Rosa (2012) souberam ser engenhosos no uso da linguagem icônica, valorizando a qualidade do material. E ainda, usufruíram dos recursos concedidos pelos quadrinhos, tais como palavras acessíveis a qualquer público, foco na construção de informações que possibilitem o enriquecimento vocabular e semântico do leitor, sobretudo o de Ensino Médio o qual está no processo de formação e despertar literário.

No tocante aos elementos complementares (paratextos), é observada uma riqueza de acessórios que podem ajudar, expressivamente, na leitura de **Dom Casmurro**. Inicialmente, é feita uma abordagem dinâmica sobre os autores da obra (Machado de Assis, Rodrigo Rosa e Ivan Jaf). Em seguida, o tópico “no tempo de Dom Casmurro” insere o leitor no contexto em que foi escrito romance, ressaltando temáticas que influenciaram o concretização do escrito realista, como escravidão e o lugar da mulher da época, valores burgueses.

Por fim, eles apresentam como se deu o processo de adaptação da HQ, isto é, como foi realizada a transposição da narração para a narrativa gráfica. Mostrar o processo de

construção de uma história em quadrinhos significa que os autores tiveram a preocupação de valorizar o trabalho, o que muito influencia na escolha do texto literário.

5.2.6 Refletindo o uso de “Sancha” na sala de aula

A partir das considerações acerca dos aspectos estético-estruturais da versão “Sancha”, é possível realizar apontamentos concernentes ao uso dessa história em quadrinhos na sala de aula. Como já introduzido, Ivan Jaf e Rodrigo Rosa (2012) não se prenderam à replicação do texto original, tal qual foi visto nas adaptações supracitadas. Partindo do ponto de vista que os quadrinhos são dotados de linguagem acessível, eles realizaram um exitoso trabalho de transposição textual.

Tio Cosme vivia com minha mãe, desde que ela enviuvou. Já então era viúvo, como prima Justina; era a casa dos três viúvos.

A fortuna troca muita vez as mãos à natureza. Formado para as serenas funções do capitalismo, tio Cosme não enriquecia no foro: ia comendo. Tinha o escritório na antiga rua das Violas, perto do júri, que era no extinto Aljube. Trabalhava no crime. José Dias não perdia as defesas orais de tio Cosme. Era quem lhe vestia e despia a toga, com muitos cumprimentos no fim. Em casa, referia os debates. Tio Cosme, por mais modesto que quisesse ser, sorria de persuasão.

Era gordo e pesado, tinha a respiração curta e os olhos dorminhocos. Uma das minhas recordações mais antigas era vê-lo montar todas as manhãs a besta que minha mãe lhe deu e que o levava ao escritório. O preto que a tinha ido buscar à cocheira, segurava o freio, enquanto ele erguia o pé e pousava no estribo; a isto seguia-se um minuto de descanso ou reflexão. Depois, dava um impulso, o primeiro, o corpo ameaçava subir, mas não subia; segundo impulso, igual efeito. Enfim, após alguns instantes largos, tio Cosme enfeixava todas as forças físicas e morais, dava o último surto da terra, e desta vez caía em cima do selim. Raramente a besta deixava de mostrar por um gesto que acabava de receber o mundo. Tio Cosme acomodava as carnes, e a besta partia a trote (ASSIS, 2019, p. 16).

Figura 20 – Recorte 4 da versão “Sancha”.



Tendo em vista o capítulo VI “Tio Cosme”, os criadores acertaram ao desenhar a mula (a besta) carregando Tio Cosme, na figura do mundo. Nessa premissa, em simbiose com Barbosa *et al* (2022), é imperativo pontuar que as palavras e as imagens, paralelamente, ensinam com mais eficiência que separadas. Pois isso “amplia a compreensão de conceitos de uma forma que qualquer um dos códigos, isoladamente, teria dificuldades para atingir.” (*idem, ibidem*, p. 22). Ademais, dado o distanciamento linguístico entre a publicação da obra e os alunos/leitores contemporâneos, os autores introduziram uma nota de rodapé em trechos que, possivelmente, não seriam compreendidos apenas pela imagem, como se pode observar a seguir.

Não soltamos as mãos, nem elas se deixaram cair de cansadas ou de esquecidas. Os olhos fitavam-se e desfitavam-se, e depois de vagarem ao perto, tornavam a meter-se uns pelos outros... Padre futuro, estava assim diante dela como de um altar, sendo uma das faces a Epístola e a outra o Evangelho. A boca podia ser o cálice, os lábios a patena. Faltava dizer a missa nova, por um latim que ninguém aprende, e é a língua católica dos homens. Não me tenhas por sacrílego, leitora minha devota; a limpeza da intenção lava o que puder haver menos curial no estilo. Estávamos ali com o céu em nós. As mãos, unindo os nervos, faziam das duas criaturas uma só, mas uma só criatura seráfica. Os olhos continuaram a dizer coisas infinitas, as palavras de boca é que nem tentavam sair, tornavam ao coração caladas como vinham...

Outra voz repentina, mas desta vez uma voz de homem:

— Vocês estão jogando o siso?

Era o pai de Capitu, que estava à porta dos fundos, ao pé da mulher. Soltamos as mãos depressa, e ficamos atrapalhados. Capitu foi ao muro, e, com o prego, disfarçadamente, apagou os nossos nomes escritos (ASSIS, 2019, p. 27-28).

Figura 21 – Recorte 5 da versão “Sancha”.



Fonte: Jaf (2012, p. 12), elaborado pelo autor.

Por se tratar de uma brincadeira em que ambos os lados se encaram, *siso* é um vocábulo que não é mais usado para se referir a essa prática. Como perceberam que só a combinação visual não iria suprir essa compreensão, os adaptadores enfatizaram a combinação verbal. Tal acerto vai em consonância com o pensamento de Barbosa *et al* (2022), quando defendem que as histórias em quadrinhos contribuem na ampliação de informações e conhecimento dos seus leitores. Logo, a leitura de uma HQ de exímia qualidade pode ser um passo significativo para a formação de um leitor crítico da Literatura machadiana.

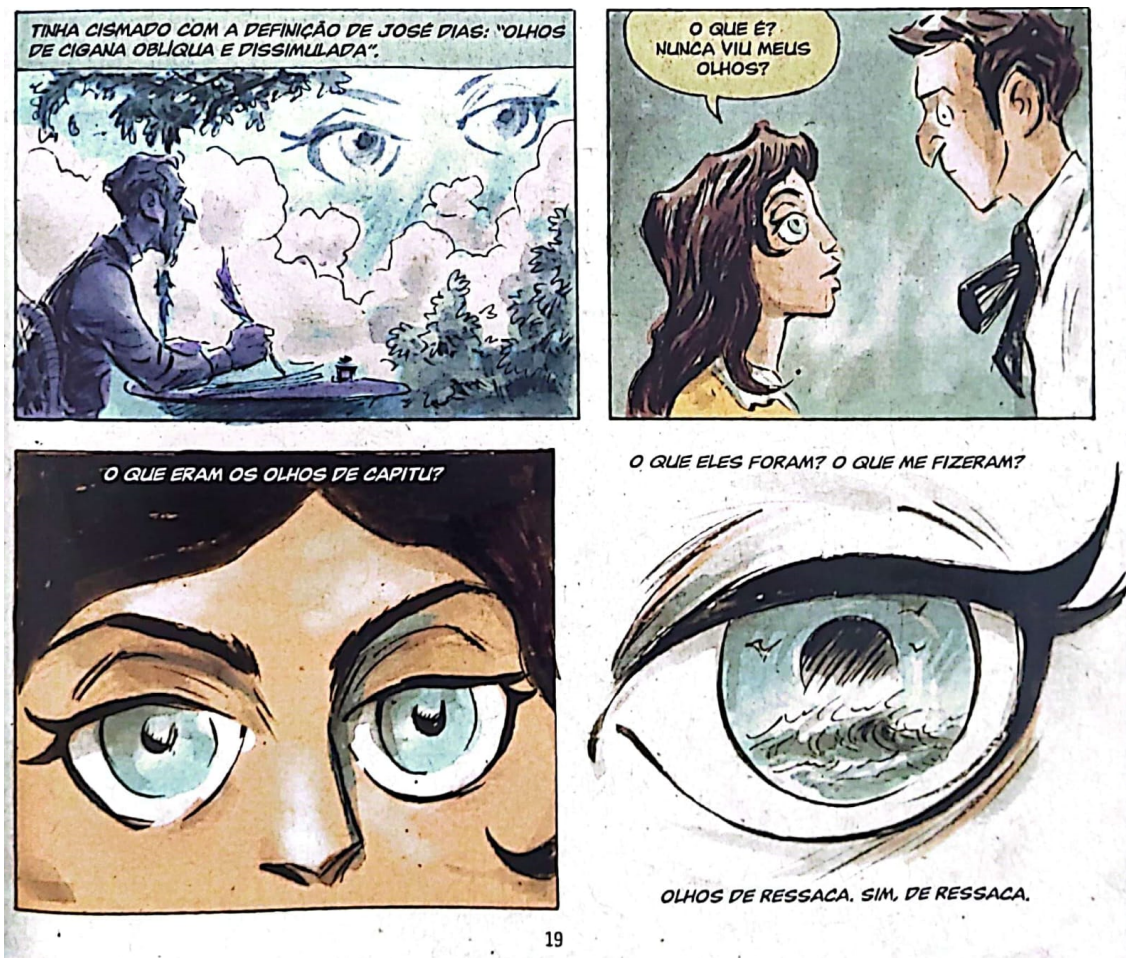
É possível perceber as modificações que Ivan Jaf fez em relação ao original: ao explorar as possibilidades do gênero dos quadrinhos, ele preferiu transferir grande

parte das metáforas criadas por Machado para as imagens – em vez de inseri-las nas legendas; [...] (JAF, 2012, p. 84).

No que se refere à presença metafórica em **Dom Casmurro**, torna-se essencial reportar, novamente, ao trecho em que o narrador afirma que os olhos de Capitu representam a ressaca. Pensando, assim, conforme foi supracitado por Guimarães *et al* (2012), Machado provocou a inerência entre dois elementos, teoricamente, distantes de sentidos: “olhos” e “ressaca”. Ao se deparar com essa assertiva, o aluno/leitor, possivelmente, precisaria de um complemento a mais para que alcance a compreensão do que narrou Bentinho.

Retórica dos namorados, dá-me uma comparação exata e poética para dizer o que foram aqueles olhos de Capitu. Não me acode imagem capaz de dizer, sem quebra da dignidade do estilo, o que eles foram e me fizeram. Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá idéia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros, mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me (ASSIS, 2019, p. 54).

Figura 22 – Recorte 6 da versão “Sancha”.



Fonte: Jaf (2012, p. 19), elaborado pelo autor.

Figura 23 – Recorte 7 da versão “Sancha”.



Fonte: Jaf (2012, p. 20), elaborado pelo autor.

Em vista disso, diferente dos deslizes observados nas versões “Prima Justina” e “Dona Glória”, o artista foi de uma exímia competência ao criar cada detalhe desse trecho da narração. O mar, cuja fonte são os olhos de Capitu, provoca o envolvimento de Bentinho de modo que se encontra sem saída daqueles encantos. “Olhos de ressaca. Que deram morte ao meu amigo – e amante de minha mulher!”, disse o protagonista (JAF, 2012, p. 65). Nesse ínterim, é importante salientar que nesta HQ a combinação visual-verbal colaborou na criação do fenômeno metafórico. Isso, então, evidencia que os autores demonstraram atribuir com eficiência as características do escritor à adaptação.

Outra singularidade recorrente nos escritos machadianos é a ambiguidade. Em **Dom Casmurro**, essa figura de linguagem está pautada, justamente, na dúvida que permeia o romance: Capitu traiu ou não traiu? Paralelo a isso, por se tratar de incerteza e suspense, é concebível ressaltar que o trabalho dos adaptadores foi duplamente árduo. Isso porque uma imagem mal desenvolvida influenciaria no entendimento do leitor. E, quando se trata dos textos de Machado, é preciso um maior aprofundamento, pois Becker (2008, p. 501) diz que “sua produção possui muitos níveis de leitura e um rápido passeio pela obra é insuficiente”.

Tratou-se de um grande desafio, como observa Rodrigo Rosa: “Acho que o mais complexo nesta obra foi manter a fidelidade ao modo de agir, de olhar dos personagens. Como é uma narração baseada em insinuações, desconfianças, segredos e coisas não ditas, fica tudo dependendo muito de como as personagens vão mostrar essas sensações através de sinais físicos sutis” (JAF, 2012, p. 85-86).

Enfim, chegou a hora da encomendação e da partida. Sancha quis despedir-se do marido, e o desespero daquele lance consternou a todos. Muitos homens choravam também, as mulheres todas. Só Capitu, amparando a viúva, parecia vencer-se a si mesma. Consolava a outra, queria arrancá-la dali. A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...

As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a retinha também. Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã (ASSIS, 2019, p. 167).

Figura 24 – Recorte 8 da versão “Sancha”.



Fonte: Jaf (2012, p. 61), elaborado pelo autor.

— Entretanto, a vista do mar há de ser-lhe penosa, todas as manhãs, ponderou José Dias, e não sei como poderá...

— Mas passa; o que é que não passa? atalhou prima Justina.

E como em torno desta ideia, começássemos uma troca de palavras, Capitu saiu para ver se o filho dormia. Ao passar pelo espelho, concertou os cabelos tão demoradamente que pareceria afetação, se não soubéssemos que ela era muito amiga de si. Quando tornou trazia os olhos vermelhos; disse-nos que, ao mirar o filho dormindo, pensara na filhinha de Sancha, e na aflição da viúva. E, sem se lhe dar das visitas, nem reparar se havia algum criado, abraçou-me e disse-me que, se quisesse pensar nela, era preciso pensar primeiro na minha vida. José Dias achou a frase "lindíssima", e perguntou a Capitu por que é que não fazia versos. Tentei meter o caso à bulha, e assim acabamos a noite.

No dia seguinte, arrependi-me de haver rasgado o discurso, não que quisesse dá-lo a imprimir, mas era lembrança do finado. Pensei em recompô-lo, mas só achei frases soltas, que uma vez juntas não tinham sentido. Também pensei em fazer outro, mas era já difícil, e podia ser apanhado em falso pelos que me tinham ouvido no cemitério. Quanto a recolher os pedacinhos de papel deitados à rua, era tarde; estariam já varridos (ASSIS, 2019, p. 171-172).

Figura 25 – Recorte 9 da versão “Sancha”.



Fonte: Jaf (2012, p. 63), elaborado pelo autor.

A partir dos excertos e das imagens, faz-se necessário atestar que os adaptadores conseguiram superar o desafio ao qual se debruçaram. De fato, ler Machado não é uma tarefa fácil, como entendeu Becker (2008). E isso em **Dom Casmurro** obtém um grau a mais de esforço, visto que é preciso adaptar e criar imagens dos momentos cruciais em que a fidelidade de Capitu é posta à prova. Pois, um detalhe indevidamente concebido pode ser tendencioso ao leitor que, em sua maioria, chega a desconfiar de antemão da mulher em virtude do discurso do narrador.

Em razão disso, “expressões faciais que afetam a narrativa exigem close-ups” (EISNER, 1995, p. 21), ou seja, é necessário acentuar em um foco determinante ao contexto. Isso fica evidenciado na serenidade e na confiança de Capitu produzidas pelos autores. É preciso, ainda, fazer uma ressalva. Jaf e Rosa (2012), junto a Machado, estiveram no velório de Escobar, por meio da arte sequencial. Com uma dose de atenção é facilmente encontrá-los. Isso é mais uma das ideias que evidenciam a criatividade e a qualidade deste trabalho.

Barbosa *et al* (2022) foi feliz, ao teorizar que a leitura dos quadrinhos proporciona um alto nível de informação e um enriquecimento vocabular pela familiaridade dos estudantes leitores com o gênero. Nessa linha de raciocínio, é cabível reportar ao capítulo XXXIV “Sou homem!”, em que Bentinho fica extasiado ao sentir os lábios de Capitu nos seus. A partir do trecho do romance, os adaptadores transitam pela história do descobrimento da América, realizando a inserção de um dos momentos em que Colombo e seus companheiros chegaram às terras americanas.

– Sou homem!

Supus que me tivessem ouvido, porque a palavra saiu em voz alta, e corri à porta da alcova. Não havia ninguém fora. Voltei para dentro, e, baixinho, repeti que era homem. Ainda agora tenho o eco aos meus ouvidos. O gosto que isto me deu foi enorme. Colombo não o teve maior, descobrindo a América, e perdoai a banalidade em favor do cabimento; com efeito, há em cada adolescente um mundo encoberto, um almirante e um sol de Outubro. Fiz outros achados mais tarde; nenhum me deslumbrou tanto. A denúncia de José Dias alvoroçara-me, a lição do velho coqueiro também, a vista dos nossos nomes aberto por ela no muro do quintal deu-me grande abalo, como vistes; nada disso valeu a sensação do beijo. Podiam ser mentira ou ilusão. Sendo verdade, eram os ossos da verdade, não eram a carne e o sangue dela. As próprias mãos tocadas, apertadas, como que fundidas, não podiam dizer tudo.

– Sou homem! (ASSIS, 2019, p. 57).

Figura 26 – Recorte 10 da versão “Sancha”.



Fonte: Jaf (2012, p. 23), elaborado pelo autor.

A forma como Rodrigo Rosa arquiteta a imagem provoca no leitor um passeio na história, além de fazê-lo assimilar a importância de dizer “sou homem!” para o protagonista. Nesse sentido, esses textos em quadrinhos, por transitarem entre áreas, vão construindo o conhecimento histórico-literário dos discentes em formação leitora, proporcionando o conhecimento crítico e linguístico a ele.

“Outro desafio enfrentado pelos autores foi evitar que os leitores comparassem Ezequiel com Escobar, pois mesmo que Bento veja semelhanças entre eles, essa questão não poderia ser explícita nas imagens.” (JAF, 2012, p. 87). Criar a imagem do filho de Capitu configura-se como um dilema árduo para adaptadores que se prezem. Isso se explica, pois tomar partido na questão do (não) adultério é, conseqüentemente, condenar ou absolver a personagem. Desse modo, “o leitor não poderia ter acesso à verdade absoluta; [...]” (JAF, *idem, ibidem*).

Nem só os olhos, mas as restantes feições, a cara, o corpo, a pessoa inteira, iam-se apurando com o tempo. Eram como um debuxo primitivo que o artista vai enchendo e colorindo aos poucos, e a figura entra a ver, sorrir, palpitar, falar quase, até que a família pêndula o quadro na parede, em memória do que foi e já não pode ser. Aqui podia ser e era. O costume valeu muito contra o efeito da mudança; mas a mudança fez-se, não à maneira de teatro, fez-se como a manhã que aponta vagarosa, primeiro que se possa ler uma carta, depois lê-se a carta na rua, em casa, no gabinete, sem abrir as janelas; a luz coada pelas persianas basta a distinguir as letras. [...]

Escobar vinha assim surgindo da sepultura, do seminário e do Flamengo para se sentar comigo à mesa, receber-me na escada, beijar-me no gabinete de manhã, ou pedir-me à noite a bênção do costume. Todas essas ações eram repulsivas; eu tolerava-as e praticava-as, para me não descobrir a mim mesmo e ao mundo. [...]

[...] Ezequiel entrava turbulento, expansivo, cheio de riso e de amor, porque o demo do pequeno cada vez morria mais por mim. Eu, a falar verdade, sentia agora uma aversão que mal podia disfarçar, tanto a ela como aos outros. Não podendo encobrir inteiramente esta disposição moral, cuidava de me não fazer encontradiço com ele, ou só o menos que pudesse; ora tinha trabalho que me obrigava a fechar o gabinete, ora saía ao domingo para ir passear pela cidade e arrabaldes o meu mal secreto [...]

(ASSIS, 2019, p. 174-176).

Figura 27 – Recorte 11 da versão “Sancha”.



Fonte: Jaf (2012, 64), elaborado pelo autor.

Ora, foi já nesta casa que um dia, estando a vestir-me para almoçar, recebi um cartão com este nome:

Ezequiel A. de Santiago

— A pessoa está aí? perguntei ao criado.

— Sim, senhor; ficou esperando.

Não fui logo, logo; fi-lo esperar uns dez ou quinze minutos na sala. Só depois é que me lembrou que cumpria ter certo alvoroço e correr, abraçá-lo, falar-lhe na mãe. A mãe, — creio que ainda não disse que estava morta e enterrada. Estava; lá repousa na velha Suíça. Acabei de vestir-me às pressas. Quando saí do quarto, tomei ares de pai, um pai entre manso e crespo, metade Dom Casmurro. Ao entrar na sala, dei com um rapaz, de costas, mirando o busto de Massinissa, pintado na parede. Vim cauteloso, e não fiz rumor. Não obstante, ouviu-me os passos, e voltou-se depressa. Conhece-me pelos retratos e correu para mim. Não me mexi; era nem mais nem menos o meu antigo e jovem companheiro do seminário de São José, um pouco mais baixo, menos cheio de corpo e, salvo as cores, que eram vivas, o mesmo rosto do meu amigo. Trajava à moderna, naturalmente, e as maneiras eram diferentes, mas o aspecto geral reproduzia a pessoa morta. Era o próprio, o exato, o verdadeiro Escobar. Era o meu comborço; era o filho de seu pai. Vestia de luto pela mãe; eu também estava de preto. Sentamo-nos (ASSIS, 2019, p. 187).

Figura 28 – Recorte 12 da versão “Sancha”.



Fonte: Jaf (2012, p. 74), elaborado pelo autor.

Tendo em vista os fragmentos e as imagens, é possível evidenciar que os autores, para manter o suspense da obra, fizeram com que Ezequiel aparecesse sempre de costa ou em um posição que não mostrasse completo o seu rosto, mantendo, assim, o tom machadiano, sem anular a criatividade da transcrição. À vista disso, os planos e os ângulos usados foram cruciais à questão da (não) fidelidade de Capitu. Isso, de acordo com Barbosa *et al* (2022, p.

45), torna a leitura mais dinâmica e atrativa, “fazendo com que um plano geral preceda um plano médio, utilize-se um plano de detalhe para inserir um clima de suspense na narrativa, [...]”, o que desperta, desse modo, a proposta interpretativa do aluno/leitor.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista das percepções discutidas é que se propôs, neste trabalho, a adaptação em quadrinhos da obra **Dom Casmurro** como incentivo à leitura de Machado de Assis. Tendo como objetivos específicos: compreender as críticas relacionadas às adaptações dos clássicos em quadrinhos; discutir o trabalho com as HQs na sala de aula e apresentar o gênero HQ como mediador da leitura entre o aluno e a versão original da obra do autor realista foi possível desenvolver esta pesquisa

Diante das referidas abordagens, é possível inferir que as adaptações dos clássicos são textos que podem contribuir no processo de incentivo à leitura literária do público escolar. Apesar de ser considerado por muitos críticos como inferior ao original, o texto adaptado é um caminho facilitador a um indivíduo que possui pouca maturidade leitora. Além disso, por ser um trabalho autoral, toda e qualquer adaptação possui as suas peculiaridades; tanto o ilustrador, ou desenhista, bem como o roteirista precisam seguir a estrutura do gênero de modo a compreender que determinado texto passou pelo processo de adaptação.

Nesse sentido, proporcionar a leitura desses textos não é uma forma de omitir o discente de apreciar a versão completa, mas, sim, garantir um meio com que ele possa ser levado a querer adquirir a obra original, sempre deixando claro que uma adaptação não pode substituir a primeira versão.

E foi pensando em uma maneira de levar as adaptações ao aluno em formação leitora que se decidiu pelos quadrinhos. Isso se configura porque o gênero, além de possuir uma linguagem acessível aos discentes, articula dois aspectos que provocam um avanço na compreensão: verbal e visual. À medida que as palavras auxiliam na construção da narrativa, as imagens formam os desenhos os quais, juntos, surtem bons resultados. Desse modo, tornou-se necessário conhecer o contexto histórico dessa arte sequencial que vai muito além de um passatempo.

Um leitor de histórias em quadrinhos está sujeito a absorver novos conhecimentos, como linguísticos, culturais e/ou sociais; à parte disso, o caráter elíptico, atrelado à presença dos momentos-chave da narrativa gráfica, despertam o senso crítico e o desejo aguçado de conhecer a estória na íntegra. Tendo em vista a sua importância no meio estudantil, foi que se discutiu a inserção desse gênero, tanto no Brasil leitor, bem como nas escolas.

Antes de serem conduzidos à sala de aula, é fundamental observar a qualidade desse material, isto é, a partir do conhecimento estético-estrutural, julgar se determinada adaptação em quadrinhos pode ser apresentada aos alunos. Isso, infelizmente, ainda não é tão discutido,

o que provoca a seleção de produções com pouca qualidade e isenta de criatividade por parte dos criadores. É significativo salientar que se tocou nesse ponto, porque muitos artistas enveredam pelas trilhas das adaptações visando a fins lucrativos.

No que se refere à adaptação em quadrinhos de obras literárias, foi possível haver a reflexão acerca do como a Literatura, por via dos cânones, tem sido trabalhada na classe escolar. Pois, por não serem afeitos a essa área da linguagem, há professores que se eximem de lecioná-la, ao passo que outros imperam a leitura de um respectivo texto, de modo particular o romance, com o intuito de realizar uma atividade, a fim julgar os conhecimentos do discente sobre os elementos da narrativa. Isso, por seu turno, colabora com um pouco (ou quase nada) desejo do estudante de viajar pela obra. Paralelo a isso, que se pensou em sugerir o trabalho com esses textos só que os levando na versão em quadrinhos.

A proposta de ler um romance clássico em quadrinhos pode causar uma série de provocações, pois é possível pensar no que se ganha ou se perde; em como o texto escrito há anos pode se adequar a um gênero mais recente; em como se deu o processo de escolhas; nas seleções e, sobretudo, na delimitação dos roteiros e na criatividade da produção, além de ponderar sobre como essas HQs podem contribuir na leitura literária de alunos do Ensino Médio. Com base nessas questões, foi possível estabelecer uma obra literária, em conjunto com adaptações em HQs, para que pudesse haver a verificação e compreensão dessas reflexões.

É factível explicitar que o foco no público do Ensino Médio deu-se por se tratar da fase escolar que tem acesso ao ensino de literatura, enquanto disciplina curricular, bem como envolver os estudantes que começam a questionar, a refletir acerca de questões que fazem parte da educação. Paralelamente, ao pensar em Literatura do Ensino Médio, um dos primeiros nomes citados é o de Machado de Assis. Sua presença é indispensável e deveria ser frequente nessa fase educacional.

Partindo desse ponto de vista, tornou-se plausível pensar no porquê a leitura machadiana é importante aos jovens leitores de todos os tempos, sobretudo aos da modernidade, uma vez que o autor é atemporal. Tal assertiva se explica pela forma como o escritor realista soube lidar com temáticas as quais não haviam sido aprofundadas antes pelos meios literários. Ademais, sua escrita toca as mazelas sociais, provocando o leitor a ser crítico, a entender que ler não é um hobby, mas uma maneira de conhecer a história do passado que constrói o presente. Machado foi e é um dos principais contribuintes do gênero literário.

Nessa perspectiva, escolheu-se a obra **Dom Casmurro** em virtude da relevância que a obra tem na vida do Bruxo do Cosme Velho. O romance de Capitu e Bentinho gera, até hoje, reflexões, debates e provocações. Outrossim, também a obra trata de questões sensíveis à sociedade, como o ciúme, jogo de interesses, hipocrisia, estilo de vida da burguesia, abandono afetivo, etc.

Em virtude de a linguagem machadiana ser rebuscada, repleta de descrições e digressões foi oportuno chegar à hipótese deste trabalho, ou seja, o alunado do Ensino Médio, geralmente, afirma ter resistência pelo estilo desse autor por causa dos escritos de cunho “difícil” e inacessível. E é justamente nesse ponto que se introduz as HQs. Um gênero de linguagem dupla e fácil aproximando os discentes a Machado.

Nessa acepção, realizou-se as análises de três versões em quadrinhos da referida obra. Com base nos estudos de Barbosa *et al* (2022), Becker (2008), Guimarães *et al* (2008), entre outros, fez-se viável discutir os prós e contras do objeto escolhido. No intuito de aproximar essas adaptações ao contexto de **Dom Casmurro**, deu-se a elas o pseudônimo de “Prima Justina”, “Dona Glória” e “Sancha”, respectivamente. Assim sendo, chegou-se às seguintes percepções.

Torna-se substancial salientar que este trabalho poderia ter seguido por outros caminhos, haja vista que são vastas as oportunidades de estudo relacionadas às histórias. Todavia, o propósito em foco é promover o uso desse gênero como incentivo à leitura dos clássicos machadianos. Por isso, houve a delimitação no que diz respeito às histórias em quadrinhos dentro da sala de aula.

A partir da discussão concernente à HQ “Prima Justina”, tanto sobre a estrutura, bem como o uso na sala, pensando no incentivo à leitura prazerosa de Machado de Assis, ela possui pontos interessantes, com ressalvas. A relevância está na divisão do texto, com título presentes no romance completo, o que o aluno/leitor a ir se introduzindo na leitura da primeira versão; além da construção de alguns personagens (não todos), como Bentinho (mais velho e jovem) e Capitu, e dos cenários, retratando a sociedade da época.

Todavia, levar, especificamente, essa adaptação a um aluno que não conhece ou nunca leu um texto do escritor realista não faz com que o discente sinta-se provocado, posto que não houve uma preocupação em inovar a forma de readequar o texto às características dos quadrinhos referentes à forma como desenvolver momentos cruciais do romance, como os olhos de Capitu e a figura de Ezequiel. Por fim, as imagens estão na HQ, mas parecem não assumir a função de fazer o seu leitor refletir, buscar entender o porquê de determinada construção.

Por sua vez, tendo vista a discussão, faz-se fundamental dizer que a HQ “Dona Glória”, enquanto recurso de incentivo à leitura de Machado de Assis, não possui contribuições que possam fazer o aluno/leitor ser conduzido à obra original. Isso se explica porque, partindo do ponto de vista estético-estrutural, não há muitos sinais de criatividade, além da qualidade visual está em desacordo com o que se espera de uma narrativa gráfica. Algumas imagens estão desfocadas, assim como figuras de personagens obtêm mal acabamento.

Outrossim, no uso em sala de aula, ela não demonstra grandes inovações, visto que há fidelidade quase que completa ao texto fonte, denotando não adequação à linguagem sequencial. Com textos em excesso em alguns quadros, as imagens aparecem apenas como acessório do texto. Por fim, a apresentação de um Ezequiel, praticamente idêntico a Escobar, assim como é observado na adaptação anterior, configurou-se como uma deturpação da ideia do autor do romance, quebrando todo e qualquer paradigma de suspense.

Por outro lado, partindo das abordagens relacionadas à versão “Sancha”, de **Dom Casmurro**, é impreterível atestar que essa HQ, enquanto recurso de fomento à leitura machadiana, possui singularidades que podem fazer o aluno/leitor a querer a apreciar os textos do escritor realista. Com uma bagagem de qualidade estética e de criatividade, os autores souberam captar os melhores trechos do romance e transformá-los em imagens que, além de instigar o desejo de leitura literária, proporcionam conhecimentos que, possivelmente, apenas com o aspecto verbal não poderia ser alcançado.

Sendo assim, pensando nos alunos de Ensino Médio, essa HQ seria um caminho interessante no despertamento desses discentes a quererem apreciar a obra machadiana e, quem sabe, promover críticas que, no futuro, contribuam à compreensão dessa narrativa que muito proporciona reflexões e debates no meio literário. Os artifícios utilizados pelos autores, mergulhados nas tessituras de Machado, promoveram um exímio trabalho de adaptação que muito tem a contribuir para o trabalho de formação de leitores literários.

É concebível reiterar, então, que a leitura de um texto literário adaptado em quadrinhos pode conduzir o aluno do Ensino Médio a aguçar o desejo de conhecer o clássico machadiano. Antes disso, no entanto, é indispensável que o professor, enquanto mediador dessa prática, deve analisar, comparar os materiais a serem lidos e refletidos. Em sala, é necessário que seja feita uma breve introdução do contexto histórico em que o autor da versão original estava, ao escrever a obra, como forma de introduzir o assistido no ambiente do respectivo escritor.

Somado a isso, é significativo tecer a seguinte reflexão: não se ensina a ler uma obra seguindo pelo caminho da obrigação. Ao invés de dizer, logo no primeiro contato do aluno

com o texto, “esse texto deve ser lido porque vai cair na prova” ou “leiam esse romance para realizarem um seminário”, diga-se “esse texto é muito importante que leiamos, pois, por meio dele, podemos conhecer e nos aprofundar sobre X questão” ou, então, fazer melhor, na primeira aula de contato do texto com o aluno, realizar uma dinâmica de provocações, isto é, apresentar a sinopse do texto, de modo que se coloque a eles alguns “pontos” que irão encontrar, ou mesmo “jogar” para eles as principais temáticas, realizando um suspense, ou coisa semelhante. Também o jogo de palavras que é usado, a saber, ao invés de dizer “vocês devem ler”, inclua-se no discurso “nós iremos realizar a leitura”. Um leitor incomoda muita gente. Dois leitores incomodam muito mais. Uma escola de leitores incomoda uma sociedade inteira. Portanto, incomode! Incomode-se!

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de, 1839-1908. **Helena**. – 2. ed. rev. – São Paulo: Ciranda Cultural, 2008. – (Clássicos da literatura).
- _____. **A mão e a luva**. – 2. ed. rev. – São Paulo: Ciranda Cultural, 2008. – (Clássicos da literatura).
- _____. **Dom Casmurro**. – 3. ed. – Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2019. 208 p.
- _____. **Dom Casmurro: em quadrinhos**; organizado por Alex Mir; ilustrado por Caio Majado. – Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2019. 80 p.
- _____. **O Alienista**. – São Paulo: Ciranda Cultural, 2009. – (Clássicos da literatura).
- BARBOSA, Alexandre. **Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula** / Alexandre Barbosa, Paulo Ramos, Túlio Vieira; Angela Rama, Waldomiro Vergueiro (orgs.). – 4. ed., 6ª reimpressão: São Paulo : Contexto, 2022.
- BARRELLA, Luciana Giudice. O Mercado das Histórias em Quadrinhos no Brasil. **Biblioteca Latino-Americana de Cultura e Comunicação**, v. 1, n. 1, 2013. Disponível em: <https://paineira.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/673-1894-1-CE.pdf> . Acesso em 16 de nov de 2022.
- BECKER, Caroline Valada. **Machado de Assis e HQ: uma nova perspectiva do cânone**. Cadernos do Aplicação, Porto Alegre, v. 21, n. 2, jul./dez. 2008, pp. 487-509.
- EISNER, Will. **Quadrinhos e arte seqüencial**. [Tradução Luís Carlos Borges]. – São Paulo Martins Fontes, 1995.
- FAGUNDES, Natascha da Costa. As histórias em quadrinhos no processo de ensino-aprendizagem. 2018. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/17244/5/TCCG%20-%20Biblioteconomia%20-%20Natascha%20da%20Costa%20Fagundes%20-%202018.pdf> Acesso em: 16 de nov de 2022.
- GIL, Antonio Carlos, 1946 - **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. - São Paulo: Atlas, 2002.
- GROENSTEEN, Thierry. **O sistema dos quadrinhos**. Tradução Érico Assis. – 1. ed. – Nova Iguaçu, RJ: Marsupial Editora, 2015.
- HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Tradução André Cechinel. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.
- JAF, Ivan, 1957 - **Dom Casmurro** / Machado de Assis; roteiro Ivan Jaf; arte Rodrigo Rosa. – 1. ed. – São Paulo: Ática, 2012. 88p
- LAJOLO, Marisa. 1944- **Do mundo da leitura para a leitura do mundo** - 6.ed. 10ª impressão - São Paulo : Ática, 2005.
- Língua e Literatura: Machado de Assis na sala de aula / Alexandre Huady Torres Guimarães, Ronaldo de Oliveira Batista organizadores. – São Paulo: Parábola Editorial, 2012. 168p.

LEITE, Joamer Carlos Correa; SILVESTRE, Nelci Alves Coelho. **O trabalho com histórias em quadrinhos nas aulas de Língua Espanhola**. Cadernos PDE, Maringá/PR, v. 2, 2014.

LIMA, Marcelo Soares de. “Literatura em Quadrinhos: uma questão de adaptação nas versões do livro O Alienista”. **Literatura em Quadrinhos em questão**, p. 6. Recife/PE, 2012.

LUYTEN, Sonia M. Bibe. **O que é histórias em quadrinhos**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler clássicos desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

Mais de 150 anos de História dos quadrinhos no Brasil. Dark Blog, 2019. Disponível em: <<https://darkside.blog.br/mais-de-150-anos-das-historias-em-quadrinhos-no-brasil/>> Acesso em: 15 de nov de 2022

Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. Gov.br/cnpq, 2022. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Histórias em Quadrinhos – trajetória e importância a partir de pesquisas científicas). Disponível em: <<https://www.gov.br/cnpq/pt-br/assuntos/noticias/pesquisa-do-dia/historias-em-quadrinhos-2013-trajetoria-e-importancia-a-partir-de-pesquisas-cientificas>> Acesso em: 16 de nov de 2022.

NEVES, Sílvia da Conceição. **A história em quadrinhos como recurso didático em sala de aula**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso de Artes Visuais, habilitação em Licenciatura, do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília. Palmas/TO. Orientadora: Profª. MSª. Alexandra Cristina Moreira Caetano. 30p.

OLIVEIRA, Bruno Silva de. Histórias em quadrinhos como recurso metodológico para o ensino de Língua Portuguesa. **Primeiras Letras**. São Luís de Montes Belos/GO. v. 7, v. 12, 2010. pp. 74-82. Disponível em: <<https://www.revista.ueg.br/index.php/icone/article/view/5094>> Acesso em: 23 de jun de 2022.

OLIVEIRA, Livia Henrique De; PASCOAL, Aécia Lima; SILVA, Vanessa Santos da; SANTOS, Luciane Alves. **Adaptação dos clássicos literários como ferramenta para a democratização do ensino**. Anais VI CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/58952>>. Acesso em: 09/11/2022.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2ª ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SRBEK, Wellington. **Dom Casmurro de Machado de Assis**. / roteiro de Wellington Srbek; ilustrações José Aguiar. – 1. ed. 6. reimp. – São Paulo: Nemo, 2021. 80 p. il.

TEIXEIRA, Claudia de Souza. Adaptações em quadrinhos de obras literárias. **Revista (Con) Textos Linguísticos**, v. 9, n. 13, p. 25-38, 2015.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino de literatura**. – Curitiba: InterSaberes, 2012. – (Série Literatura em Foco).